

35-1000
25
DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 7675

Visto: *U. A. ...*
Rep. *...*
Em 03-05-77

DIREITOS AUTORAIS
SICAM SDDA - SBAT - ING
Agencia
Santo Angelo - RS.

O ESTADO SAGRADO DAS MISSÕES

- Narrativa dramática da história dos
jesuítas na Província do Paraguai.

- Textos de Evaristo Arns, adaptados ao
teatro por Mário Simon. Santo Angelo-RS

Textos de Evaristo Arns adaptados
ao teatro por Mário Simon.

CENÁRIO

Uma sala do Colégio dos Jesuítas em Buenos Aires. É uma sala de Conselho e ao mesmo tempo gabinete do Provincial. Uma entrada à esquerda e uma janela aos fundos, pela direita. O centro do fundo deverá ser branco para projeções dos filmes e slides. Se possível, um quadro de São Francisco Xavier no lado direito. Cruzifixo, globo, biblioteca, as cadeiras para o Conselho, talvez um mapa, etc.

As cenas acontecem em 16 de julho de 1767, tudo num mesmo dia. Não há divisão em atos, mas poderá haver pausas para descanso.

CENA I

(Música inicial prepara para uma projeção de slides, aparecendo as figuras de padres jesuítas em missão com os índios, seus cânticos, suas orações, enfim, sua paz. Enquanto se projetam os slides, escuta-se o seguinte diálogo.)

Provincial - Desejais o batismo ?

Índios - Desejamos o batismo, padre Provincial.

Prov - De que terras viestes?

Indi - Dos Pampas. Somos Minuanos.

Prov - Concordais em abandonar a vida nômade?

Indi - Já não seremos nômade.

Prov - Vindes livremente até nós ?

Indi - Livremente, senhor padre.

Prov - É grande vossa tribo?

Indi - Sete mil somos nós. Sete mil, contando mulheres e crianças.
Aceita-nos em vosso reino, senhor padre?

Prov - Quereis servir a Cristo com todas as vossas forças?

Indi - A Cristo queremos servir com todas as nossas forças.

Prov - Em humildade?

Indi - Em humildade.

Prov - Em obediência?

Prov - Por amor a Cristo deveis obedecer em todas as coisas aos
nossos padres.

Indi - Queremos obedecer em todas as coisas aos padres.

Prov - Renunciais a toda idolatria?

Indi - Só queremos a adorar ao Deus Jesus que é bom.

Prov - Renunciais à poligamia?

Indi - Por amor a Jesus que é bom, renunciámos à poligamia.

Prov - Trabalhareis em comum nos campos. O fruto conquistado pelo
vosso trabalho pertencerá a todos. Deveis despejar-vos de
todo interesse pessoal, de todo o desejo de posse.

Indi - Se tu nos chefiarés, senhor padre, nunca há de faltar ao nos-
so povo nem pão nem carne. Dá-nos as ordens de Deus que é
bom - nós queremos obedecer.

Prov - Para vós, abrimos ao longo do Paraná e do Uruguai, o Reino
de Deus. Trinta Reduções, cento e cinquenta mil índios cris-
tãos. Quereis, cacique, entregar vossos sete mil índios para
a maior glória de Deus?

Indi - Assim como vimos livremente nós os sete mil Miananes, assim
todos os índios dessa terra virão ao Deus Jesus que é bom.

Prov - A graça e o amor de Cristo Nosso Senhor vos venha em auxílio
e vos leve à salvação.

(Pausa - Música)

Prov - Cresce o Estado Sagrado. A messe é grande e poucos são os
operários . Faltam-nos padres. Onde encontraremos o pastor
para o novo rebanho?

Padre - Podereis confiar ao padre Reinegg a nova redução.

Prov - O suave músico entre índios inclementemente selvagens? Não. Pre-
ciso de um missionário experimentado.

Padr - O padre Torres de São Miguel?

Prov - Não. Ele é espanhol.

Padr - Talvez o padre Escandon, de San Xavier ? Ou o padre Diogo
Haze ou ainda o padre Antônio Sepp ?

Prov - O padre Escandon ainda é muito moço e os outros muito velhos.
Para uma tribo de sete mil índios precisamos do padre mais
experimentado que tivermos.

Padr - E o padre Regniel de Gandelária?

Prov - Eu penso no padre Berent.

Padr - Berent, de San Tomé ? Está por demais apegado aquele povo.
Faz vinte anos que se dedica a ele.

Prov - É o nosso missionário mais experimentado . É ele que virá à
nova redução. Mande um mensageiro a San Tomé.

(A cena escurece por momentos. Ao se iluminar estão os pads
Provincial e Oros.)

CENA II

Oros - Padre Provincial, é preciso armar-se contra a traição e hi-
pocrisia. Os soldados espanhóis, que a título de comissários
fanfarciam em nossas Reduções, não me agradam.

Prov - Os soldados espanhóis não dirigem o processo contra nós. Es-
peramos o Visitador do Rei -- é da nobreza. Chega hoje...esta
hora já deve estar descendo do navio. Conheço-o da Espanha.
Chama-se Dom Miura. Sua nomeação para Visitador é manobra
política dos nossos padres em Madrid.

Oros - Mas os bispos de Buenos Aires, Tucuman e Assuncion estão
contra nós.

Prov - Os bispos defendem os interesses deles e seus penitentes, os
nobres. Nós defendemos os nossos interesses e dos índios.

Oros - Os fazendeiros nos odeiam.

Prov - Os fazendeiros podem corromper seus subalternos. O Visitador
Dom Miura é fidalgo e não pode ser corrompido.

Oros - Com calúnias contra nosso Estado, Sebastião Carvalho venceu
em Portugal.

Prov - Espanha não é Portugal.

Oros - Nossa Ordem foi interdita também na França. Os panfletos
do Marquês de Pombal contra nós foram a causa da expulsão dos
jesuítas no Brasil.

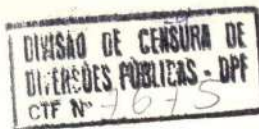
Prov - As causas reais são bem mais profundas. A nova filosofia po-
lítica é contrária a nós.

Oros - Padre Provincial, o poder temporal ameaça nosso Estado no
Paraguai. As reduções ao longo do Piratini, Ijuí e Uruguai
também estão ameaçadas.

Prov - Mas o Santo Padre ama nosso Estado e o protege. Não se atre-
verão ofender o Santo Padre o Papa.

(O palco escurece)

CENA III



(Novamente no fundo a projeção de alides mostrando o trabalho missionário enquanto se escutam as vozes de:)

Voz1 - Vocês permitem que os caluniem. Por que se escondem?

Prov - Senhor Bustillos... a que devemos a honra de sua visita?

Voz1 - Que honra, que visita nada. Vim trazer o protestos de todos os fazendeiros e comerciantes católicos.

Prov - Ainda um momento de paciência, senhor Bustillos. Esperamos para hoje a visita do representante do Rei, Dom Maure. Então poderá queixar-se a ele.

Voz1 - Vai ser mais um visitador que vocês, jesuítas, arrumaram para cá. Conheço bem os senhores. Não me enganam. Costumam indicar os juizes em causa própria. Protestamos. Tirem imediatamente seus índios da cidade. Enquanto eles aqui estiverem não quero que tenham contato com os nossos.

Prov - Nós somos obrigados a mantê-los aqui em Buenos Aires enquanto durar o Inquérito. Eles foram designados pela Comissão que o senhor Visitador determinou antes de sua vinda. Mas, creia-me senhor Bustillos, preferiria não tê-los aqui. O mau exemplo que seus índios...

Voz1 - Mau exemplo ? São seus índios que dão mau exemplo aos nossos. Paralisa-se o trabalho. Ainda vai haver revoltas se não acabarem logo com isso.

Prov - Mas acabar com o quê?

Voz1 - O senhor tem que proibir seus índios contarem aos nossos as coisas das Reduções. Os índios acreditam no seu Estado Sagrado, onde corre leite e mel. Como seria doce o cristianismo sem os escravizadores fazendeiros... Isto é coisa que se conta prá índio?

Prov - Os senhores não se sentem bem ouvindo a verdade?

Voz1 - Já sabemos quem escolheu estes senhores... Visitador... Foram vocês, os jesuítas. Mas ouçam bem: Nós não vamos permitir que se sirvam de tais métodos, que prendam toda nossa mão-de-obra nas Reduções, fazendo os índios trabalharem para enriquecer os Padres. E dizem que têm privilégio real ? Pois de tiverem, trafiquem índios em outro lugar, mas retirem estes

animais de Buenos Aires.

Prov - Pois bem. Vou proibir que meus índios saiam do Colégio e da Casa de Retiros. Mas que os seus índios não falem com os nossos.

Vozl - Isto me serve.

Prov - Agora, senhor Bustillos, queira retirar-se.

Vozl - Vou, mas antes deixa-me dizer o mais importante: Os fazendeiros e comerciantes de Buenos Aires, que represento, exigem que os senhores abandonem o Paraguai.

Prov - Adeus, senhor Bustillos.

Vozl - Voltem para o lugar de onde vieram.

Prov - Não queira demorar-se, senhor Bustillos.

Vozl - Retirem-se para seus conventos. Deixem os índios livres. Abandonem o Paraguai.

Prov - Adeus, senhor Bustillos.

(A cena escurece)

CENA IV

(Provincial recebendo Cornelis e padre Oros)

Cor - Diabo. Acabou-se. Vou-me embora.

Prov - (entrando) Que há, Cornelis ?

Corn - (a Oros) Não preciso de sua erva-mate, entendeu?

Oros - Cornelis há de comprar, desta vez, o mate em outra parte. Do outro lado, em San Sacramento.

Corn - Sim senhor. É o que vou fazer. Em San Sacramento. Para mim, que arrisco tudo, até a pele, vocês levantam o preço até o céu. Minha última oferta, desta vez diante do Provincial: quer deixar-me o mate por 1.200 florins?

Oros - Não posso e nem devo, Cornelis. Precisamos de ferro para as nossas Reduções. Precisamos de cal. Com o lucro do mate nós compramos nossas necessidades. É simples. Vá a San Sacramento e experimente nossa concorrência.

Corn - Oh! Bem sei. Seu mate é o melhor, o mais fino, o mais desejado no mundo inteiro... a insuperável erva-mate dos jesuítas, diabo!

Oros - Então... infelizmente não poderemos lhe vender desta vez.

Corn - Meu chapéu... minha bengala... ah... ficaram lá fora. Padre Provincial, o senhor sabe como eu, um herege, defendo seu Estado. Sou um dos únicos que os defende em público. Mas desse jeito não dá mais. Querem me explorar.

Prov - Cheguem a um acordo. (a Oros) O senhor sabe, padre Oros, o senhor Cornelis é nosso amigo.

Corn - Este padre procurador não me tira nem mais um vintém. Mas... pela amizade que tenho com o padre Provincial eu dou 1.300. Nem mais um vintém.

Oros - Abaixo de 1.500 nada feito, senhor Cornelis.

Corn - Mil e quinhentos ? Até a volta.

CENA V

(Provincial e Oros)

Prov - Perdemos um amigo. Não seria mesmo possível ?

Oros - Os espanhóis não nos dão o ferro de graça. Temos que calcular senão entram as dívidas. Aliás, ele voltará à carga.

Prov - O Cornelis?

Oros - Não há dúvida nenhuma.

Prov - Mostrou-se chocado.

Oros - Na aparência. Aprendi deles como se negocia.

(Cornelis volta)

CENA VI

(Provincial, Cornelis e Oros)

Corn - Discho... Meu chapéu e bengala não estão lá fora... Pois eu... Talvez aqui... Não, onde deixei esse chapéu ? (sai esquerda)

Oros - Ele sabe direitinho onde deixou o chapéu e a bengala. Ele quer é o mate.

Corn - (Volta com o chapéu e a bengala. Pára em frente o Provincial e estende-lhe a mão) Vemo-nos, assim, pela última vez, padre Provincial.

Prov - Iestimariz muito, senhor Cornelis. Entre em acordo com o senhor padre procurador.

Corn - Acordo com este homem? (para Oros) Não que eu queira o teu mate, mas o padre Provincial é tão bom... Olha, 1.400 florins ou me sumo daqui.

Oros - Está certo. Uma vez que é para o senhor, Cornelis, está con-

binado.

Corn - (Batendo nas costas de Oros) Gostei, gostei. O senhor sabe negociar.

Oros - Mando embarcar logo. O senhor me acompanha para verificar? Desta partida, a maior parte veio de Santo Ângelo Custódio.

Corn - É bom saber isto. Pode mandar embarcar. Tenho confiança no senhor.

(Oros sai)

CENA VII

(Provincial e Cornelis)

Corn - Aqui está a soma. (Contando na mesa) Duzentos, trezentos, quatrocentos...

Prov - Que Deus o acompanhe sempre e o guarde nas tormentas do mar.

Corn - Obrigado, padre Provincial... seiscentos, setecentos, oitocentos...

Prov - O senhor nos julga com calma e justiça. Gostaria que sua opinião sobre nós ganhasse terreno entre tantos inimigos que temos.

Corn - Engraçado. É justamente entre católicos que os senhores têm os maiores inimigos... novecentos, mil... e aí está o resto. Queira verificar.

Prov - Está tudo em ordem.

Corn - Se algum dia eu puder fazer alguma coisa pelos senhores, padre Provincial... Se porventura precisarem de asilo, nós, os holandeses damos asilo também para os jesuítas...

Prov - O senhor está gracejando.

Corn - Oh! Isto antes me entristece... Uma vez que os senhores são homens como deviam ser todos os homens... formidáveis são os senhores... e agora são arrancados de sua obra, em pleno florescimento.

Prov - Pelo que ouço, o senhor sabe de coisas... Acha mesmo que nossa queda é questão de dias?

Corn - (Com certa pena) Padre Provincial... os jesuítas estão perdidos.

Prov - Vejo que até o senhor pertence àqueles que nos julgam irremediavelmente perdidos. Mas o senhor me acredite. Fazem de tudo para que não possamos avançar. Mas ninguém vai conseguir nos

reter. Após cento e cinquenta anos de pregação, a Sociedade de Jesus passa ao ataque em regiões do Paraguai. (mostra o mapa) O Estado Sagrado se agiganta. Atravessa os rios, penetra nas florestas virgens e nos pampas inóspitos, até que o último índio seja conquistado para Cristo. É certo, um dia nosso Estado vai ruir. Mas a conquista já estará feita. Ela será repetida... daqui a séculos... até que chegue ao mundo aquela paz que os homens desejam.

Corn - (Despedindo-se) Que Deus guarde o senhor, padre Provincial e seu Estado...

Prov - Que chegue são e salvo a Roterdã, senhor Cornelis.

(Cornelis sai. O Provincial leva o dinheiro para dentro. Luz diminui. Música. Ao voltar a luz...)

CENA VIII

(Quando o Provincial está retornando, também entra Dom Miura, pelo outro lado)

Miura - Alfonso Fernandes!!!

Prov - Pedro de Miura!

(Abraçam-se)

Miur - (Recua um passo - Em tom oficial) Padre Provincial!

Prov - Senhor Visitador!

Miur - Devo transmitir-lhe lembranças de vosso pai, idoso, que vive em Toledo.

Prov - Meu pai... Agraceço-lhe, Dom Miura.

Miur - Seus dois irmãos servem no exército espanhol.

Prov - Separaram-se de mim. Boas-vindas, senhor Visitador.

Miur - Quantos anos, desde Salamanca, padre Provincial.

Prov - Vinte e quatro anos, Dom Miura. Mas, por favor, queira sentar-se, senhor Visitador.

Miur - (senta) Lembro-me do senhor como um jovem cheio de entusiasmo, padre Provincial. Eis-nos agora, aqui: si o religioso e aqui o diplomata.

Prov - Seu entusiasmo não arrefeceu, Dom Miura.

Miur - Pelo Rei e pela Espanha.

Prov - Caminhos diversos os nossos... Eu vibro pela imitação de Cristo no Paraguai.

obriga quando um superior me leva ao pecado.

Prov - Eu ? Ao pecado?

Oros - Não é pecado mortal assassinar a própria família ? Não é pe-
cado mortal matar cento e cinqüenta mil índios ? É isto que o
senhor manda com estas ordens absurdas. Por minha causa, este
pecado não há de pesar sobre a consciência da Ordem. Eu não
obedecerei a um assassino.

Prov - (Aturdido) Então... que pretende fazer ?

Oros - Vou colocar-me ao lado do povo indígena e combater até o fim.

Prov - Padre Oros, o senhor deixou de ser um jesuíta!

Oros - Talvez todos nós há muito tempo deixamos de ser jesuítas.

Deus não olha para a sotaina. (Aos berros) Deus quer que o
mundo se transforme. E nós jesuítas do Paraguai conseguimos
transformá-lo.

Prov - Considere-se demitido da Ordem.

Oros - Quem deve ser demitido é o senhor porque é um desertor. Ex-
pulsão-me da Ordem. Leve-me ao Tribunal da Inquisição. Arraste-
me à fogueira! O senhor não conseguirá desfazer esta obra.
(Mostra o mapa.) E enquanto me sobrar forças para respirar, gri-
tar, combater, vou estar ao lado dos pobres, dos fracos e de-
queles que o senhor está traíndo.

Prov - Considere-se preso. O senhor vai ser condenado pelo Direito
espanhol. Já não posso fazer mais nada pelo senhor.

Oros - Pois que venham me prender na Casa de Retiros. Estarei junto ao
meu povo e juntos morreremos se for preciso. Adeus. (Sai)

Prov - (Ainda quer falar... mas cai sobre a mesa desesperado, escon-
dendo a cabeça entre as mãos. A luz se apaga)

CENA XXIII

(Esta cena é como a inicial, onde aparecem os dois caciques
pagãos com o Provincial, em slides, na tela ao fundo. Fraca
luz verde ilumina o padre prostrado, enaunto se escutam as vo-
zedele e dos caciques.)

Prov - Mandei chamá-los, caciques Cância e naguaçu. Vocês devem ex-
plicar-me por que desejam o batismo ? O que é que faz com que
vocês abandonassem os pampas para virem procurar a Cristo ?

Când - Queremos converter-nos para este Deus.

Prov - Por que e que voces vêm justamente para nós ? Por que não vão para o bispo de Buenos Aires ? Ele pode batizar-vos. Também o senhor bispo pode levar-vos a Cristo. Vão para o bispo.

Cand - O Cristo do senhor bispo não é o mesmo dos jesuítas.

Prov - Ah! O nosso Cristo não é o mesmo ? É o nosso Cristo que vai dar a sua tribo esta terra?

Cand - Sim, é este Cristo que queremos.

Prov - Este Cristo lhes dá tudo, não é ?

Cand - Ele nos dá de comer, roupas, protege dos escravizadores, ergue nossas casas, constrói armas para nós e nos torna fortes.

Prov - E quem o adora será recompensado assim?

Cand - Sim. Este é o Cristo dos jesuítas.

Prov - Este é o Cristo que nós lhe trouxemos... Oh! Vocês foram enganados por nós. O nosso Cristo não dá segurança. Não alimenta nem dá roupas. Ele próprio é pobre e nu... Voltem para vosso povo enquanto é tempo... Voltem...

(Fora o ruído de guerra cresce até o máximo. A tela se apaga. Escurece por momentos. Ao iluminar-se o palco...)

CENA XXIV

(Provincial e Dom Miura)

Prov - (Ainda só, corre para a janela apavorado) É a guerra!

Miur - (Entrando armado) Padre, o senhor nos traiu!

Prov - Não! Minha gente me obedece. Quem deu a ordem de atacar?

Miur - Sua gente é indisciplinada, Provincial.

Prov - O senhor prometeu esperar até a noite. Quem começou ?

Miur - O senhor já desgraçou seu povo resistindo no início.

Prov - Garanto a ordem no Colégio. Mande seus homens cessar fogo, Dom Miura.

Miur - É tarde. O padre vos excita os índios à guerra. Não podemos ficar parados.

Prov - Pedi que me desse tempo.

Miur - Já não era possível. Agora dê ordem a sua gente para entregar as armas se não quiser vê-los todos mortos.

Prov - Vou falar com os caciques. Interrumpa a batalha.

Miur - Ninguém ousará tocar no senhor. Minha guarda cuidará dos nossos.

Prov - Vou até a Casa de Retiros... Que Deus me proteja. (Sai)

(Depois que sai, diminui a luz do palco e, por minutos ouve-se a guerra. Pode-se ver o relampear dos canhões. Gritos. Fogo. De repente tudo pára. O palco se ilumina. O Provincial entra num grito, ferido na garganta.)

Miur - (Que permanecera à mesa, com a cabeça escondida entre as mãos)
Padre?! O senhor está ferido? Quem ousou atacá-lo?

Prov - (Muito mal vai até o mapa) Isto... isto aqui me feriu... Minha própria obra... Meu Estado me mata... (Cai levando junto o mapa)

Miur - (Atarefado em socorrer o padre)

CENA XXV

(Os mesmos, Oros, dois caciques amarrados, Cornelis)

Oros - (Entra esbaforido e cansado. Está sujo da guerra) Meu pai...
Padre Provincial... Fomos nós... nossos índios...

Miur - Ajude-me... sentemos ele aí...

(Sentam o padre na cadeira)

Oros - Padre... Senhor padre... Por Deus, queira absolver-me... Estou condenado à morte pela corte espanhola... Fui servo infiel... confesso a minha culpa...

Prov - (Voz fraca) Desobedeceu...levantou arma contra mim... cobriu de sangue e vergonha a Companhia de Jesus... O Provincial o condena...

Oros - Eu confesso a minha culpa... estou pedindo perdão, padre...

Prov - (Depois de pausa) Em nome de Deus... tenho que perdoar... arrepende-se que eu perdoe... Eu tenho que perdoar para que perdoem a mim... que fui um herege e... (Gritando) Eu não me arrependo!
(Os presentes se assobram)

Entregar-se à tirania? Nunca! Servir aos poderosos? Nunca! Entregar o Estado Sagrado sem resistir? Nunca... nunca... E eu tive que dar ordem contrária... (Ergue-se) Enquanto minha alma rugia revolta e bradava guerra... minha voz era outra... "Eu sou o Provincial... eu ordeno que se entreguem... o Papa manda... Eu sou o Provincial..." E por fim, o demônio tomou conta de mim e emaldiçoei o meu Estado e... destruí tudo... (Pausa) Escutem... escutem... Encarnacion... Gandelária... San Tomé... São Miguel... escutem, padre Oros, padre Clarke... Eu sou um assassino!!!

não abandonarmos imediatamente o Paraguai.

- Prov - Jamais poderemos salvar as almas se entregarmos os índios indefesos à tirania. Nossa posição deve ser inequívoca, ao lado dos miseráveis e oprimidos.
- Quir - É exatamente o que não devemos fazer. Seria imprudente e prejudicial à nossa santa religião. Somos apenas instrumentos nas mãos do Santo Padre o Papa.
- Prov - Sua Santidade conhece nosso esforço e os resultados.
- Quir - Mas não gosta. Padre, o senhor é um Provincial e não é preciso repetir-lhe o sentido do voto de obediência. O senhor tem que cumprir a minha ordem e o decreto do Rei.
- Prov - (Humilde) Não queira exigir isto de mim, suplico humildemente. Examine mais uma vez a questão. Eu obedeco, estou pronto a cumprir tudo o que me ordenar, mas rogo instantaneamente; tenha piedade dos cento e cinquenta mil índios. Não os entregue, com uma só palavra, aos traficantes de escravos e exploradores.
- Quir - (Irritado) Falo da vida e morte da Ordem dos Jesuítas e o senhor fala de cento e cinquenta mil índios miseráveis ?
- Prov - Visite as Reduções, examine nossos trabalhos, convença-se e revele-se ao Visitador.
- Quir - Recebi ordens de permanecer incógnito. Nenhuma palavra sobre o que faço e quem sou. A ninguém.
- Prov - (Depois de hesitar) Tire-me o cargo de Provincial. Não posso fazer o que me ordena.
- Quir - O que é que um jesuíta não pode ? (Mansa, depois de pausa) Por-tanto, o Provincial da Província do Paraguai mudou de idéia: obedecerá ao Visitador do Rei e pedirá um castigo pela sua re-volta.
- Prov - (Desesperado) Não me dê tal ordem. Suplico de joelhos...
- Quir - Responda: minha ordem lhe parece justa ?
- Prov - (De joelhos, calado e aniquilado)
- Quir - Responda.
- Prov - (Como acima)
- Quir - Oh! Enganei-me. Desculpe. Estou falando com a pessoa errada. O senhor não é o padre Provincial da Paraguai... o senhor não é um jesuíta...
- Prov - (Terrível) Oh! Não... Acho boa e justa a sua ordem... Com todas as forças vou cumpri-la. Quero apenas um instrumento da Com-

panhia de Jesus, sem vontade própria.

Quir - Que a graça e o amor de Cristo nosso Senhor lhe sirva sempre de auxílio e salvação.

Oros - (Entra para falar com o Provincial)

Quir - (Disfarçando) Obrigado por sua hospitalidade, padre Provincial.
(Abraça o padre Provincial que permanece impassível)

Prov - (Murmurando) Adeus, senhor Quirini.

Quir - (Retira-se)

CENA XVIII

(Provincial e Oros)

Oros - A assembléa o espera, padre Provincial.

Prov - Sei, a assembléa espera por mim...

Oros - Devemos contar com uma luta encarniçada em torno do Colégio.

Prov - Devemos contar...

Oros - Os fazendeiros estão armando seus bandos contra nós.

Prov - (Estranho) É bem provável que até lá muita coisa tenha mudado.

Oros - Estou convencido disso. Nossos índios são soldados disciplinados e venceremos em toda linha.

Prov - ...em toda linha...

Oros - Eu temo uma derrota aqui no Colégio... mas fora dele...

Prov - O senhor julga que algum espanhol consiga escapar do Colégio?

Oros - Impossível. Nossa guarda domina todas as entradas e saídas.

Prov - Padre Oros, tenho de falar novamente ao Visitador. E a sós. Ele não há de fugir.

Oros - Não poderá. Trago-te o Visitador.

Prov - É possível que muita coisa mude. Tenho a confiança de meus súditos, não é padre Oros ?

Oros - Padre Provincial, o senhor manda. Nós obedeceremos.

Prov - Tenho a sua confiança, padre Oros ?

Oros - Obedeço amiss ao senhor que a mim próprio. Mas por que tais...

Prov - O senhor tem confiança em mim, como religioso ?

Oros - Mais do que em mim próprio, padre Provincial.

Prov - Obrigado. Vá e procure acalmar a assembléa. Preciso falar com o Visitador, nesse prisioneiro.

Oros - (Sai, intrigado)

Prov - (Dirige-se a mesa e escreve uma carta rapidamente.)

CENA XIX

(Entra Miura, abatido)

Miur - Estamos em seu poder. O senhor triunfa. Dispensamos o processo.

Mas bem logo vai sentir o que significa insurgir-se contra nós.

Prov - (Calmo) Não nos revoltamos. Refletimos melhor.

Miur - O senhor é o único culpado da revolta. Somos seus prisioneiros.

Prov - Aceito a responsabilidade.

Miur - Em breve verá como será pesada esta responsabilidade.

Prov - Sei disso. Por isso mandei chamá-lo. Eu me entrego.

Miur - Se entregue? (Ri) Sou seu prisioneiro, como quer entregar-se?

Prov - (Dá-lhe a carta que estava escrevendo) Tenha a bondade de ler.

Miur - (Lendo) Isto significa...

Prov - Que me entrego em suas mãos. Sou seu prisioneiro. Refleti melhor.

Cometi um erro imperdoável. Reconheço publicamente que o Visitador do Rei agiu dentro de seu direito. Mas meu reconhecimento não desculpa nossa revolta. Peço punição para mim.

Miur - Não compreendo...

Prov - Proclame minha rendição na assembleia, na Casa de Retiros. Os padres e os caciques indígenas vão compreender.

Miur - Compreender ? Vão matar-me imediatamente se eu ler esta proclamação na assembleia.

Prov - É uma proclamação do Provincial da Ordem e ninguém pode objetar uma só palavra. Traga-me aquele que não aceitar e verá como é a concepção de obediência em nosso Estado.

Miur - Mas... estamos em seu poder. Com um único regimento os senhores podem liquidar os meus soldados e, antes que cheguem reforços para mim poderão se armar para uma longa guerra...

Prov - Não queremos guerra.

Miur - Ah! Ficou com medo...

Prov - Sim... temos medo...

Miur - E por isso se entregam ?

Prov - Entregamo-nos a nossos próprios prisioneiros.

Miur - Algo muito superior o fez agir assim.

Prov - Foi depois de uma reflexão demorada e profunda.

Miur - De fato, não entendo... O senhor mantém esta proclamação ?

Prov - Ela foi escrita por mim. Vou mantê-la, custe o que custar.

Miur - É uma solução que me favorece. Sua gente não vai aceitar!

Prov - Não tema, excelência. Conseguiu seus objetivos.

Miur - Que gente estranha, os senhores... Primeiro defendem seu povo a ponto de impor respeito ao meu exército. Depois... esta proclamação me favorece inteiramente. Estou satisfeito. (Vai sair)

Prov - Os fazendeiros e comerciantes vão louvar o senhor...

Miur - (Volta-se) É... mas, em si... é uma pena... (Sai)

Prov - (só) Meu Deus... (ajoelha-se) Por que que tem que ser assim...
Por que...

(A luz diminui até escurecer. Quando volta a luz, Provincial está sentado na sua escrivaninha e Oros em sua frente.)

CENA XIX a

(Provincial e Oros)

Prov - Queira repetir a ordem que deve transmitir ao padre Hunder.

Oros - Ele deve entregar ao Visitador todas as instalações que existem em nosso Estado, Ainda o padre Hunder é responsável pela boa harmonia entre os soldados espanhóis e nossos índios. Mas, senhor Provincial, permita-me...

Prov - (Corta) Repita agora a ordem que deve transmitir ao padre Clarke.

Oros - Ele deve entregar aos espanhóis uma lista com todas as nossas provisões, matéria-prima e fabricações. Deve explicar aos espanhóis toda a estrutura econômica de nosso Estado, sem beulgar nada. Mas senhor padre, eu não posso...

Prov - (Corta) Agora repita a ordem que dei para o senhor.

Oros - Antes de repetir a ordem, peço com toda a humildade que nos revele a causa de tão triste mudança de atitude...

Prov - Repita a minha ordem, eu disse.

Oros - Pelo amor de Deus, precisamos de uma explicação. Não vou executar uma ordem como a que me deu sem antes saber o motivo de tão repentina mudança.

Prov - Padre Oros, não queira que eu lhe lembre o voto de obediência. Qual a ordem que lhe dei?

Oros - (Abatido) Devo desarmar os nossos exércitos, em todas as Reduções. Devo entregar aos espanhóis todas as nossas armas, munições e apetrechos de guerra. (Violento) Padre Provincial?!

Prov - É só. Vejo que entendeu bem minhas ordens.

(Fora se ouve ruídos e gritos de guerra)

CENA XXI

(Os mesmos mais os caciques Acatu e Barri)

Acat - (Entra com Barri repentinamente) Que está acontecendo ? Estamos aguardando ordens de guerra.

Barri - Os soldados espanhóis tomaram conta da Casa de Retiros. É guerra.

Prov - Os senhores querem obedecer?

Todos- Obedecemos.

Prov - Em humildade ?

Todos- Como sempre, em humildade.

Prov - (Com voz embargada) Ajoelham-se. Ordeno que se dispersem. Ordeno que voltem às suas Reduções e obedeçam aos espanhóis que entrarão em nosso lugar. A partir de agora seus superiores serão os espanhóis, Nós, os padres jesuítas devemos abandonar o Paraguai para servir em outro lugar, segundo a vontade do Santo Padre e Papa. Invoco sobre vocês a bênção divina. Fortaleçam-se fiéis nas provações e submissos na obediência. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo...

(Fora, gritos e ruídos)

Todos- (Atônitos se olham)

Acat - Reverendíssimo padre... não compreendo.

Prov - Nós, os jesuítas, deixamos o Paraguai.

Barri - Vão embora daqui ?

Prov - Sim. Em nosso lugar ficarão os espanhóis .

Barri - Os espanhóis vão mandar em nós ?

Acat - Obedecer aos espanhóis? Aos traficantes de escravos, assassinos que roubam nossos filhos para a escravidão ? não... não, não!

Prov - Vocês devem aceitar a cruz.

Acat - Ficar olhando os espanhóis? levaram os nossos filhos, as nossas mulheres ? Jamais, padre.

Barri - Nas mãos dos fazendeiros sem resistir? Perder nossas terras? Estas terras têm dono, padre !

Acat - E nossas igrejas? E nossas aldeias ? E nosso gado? Que está Cristo agora e sua paz, se o senhor mesmo está ordenando nossa destruição?

Barr - Que Deus é esse que dá tudo e já quer tirar tudo? O Cristo dos espanhóis é que tira tudo. Vamos defender o Cristo que tudo nos dá.

Act - Guerra, padre. Vamos à guerra. Mil vezes morrer agora do que ver nossa terra em outras mãos.

Prov - (Baixa a cabeça aniquilado)

Oros - Padre, é o cristianismo que corre perigo aqui. O cristianismo e cento e cinquenta mil índios. Ordene a guerra.

Todos- (Em torno do Padre Provincial) Guerra. Ordene a guerra. Em nome de Deus...

Prov - (Afasta-os, violento) Em nome de Deus? Em nome de Deus? Quem mandou que se ajoelhassem diante de mim? Não sou Rei nem ministro... sou um padre miserável... saiam daqui... Oros?

Oros - Senhor.

Prov - Onde estão os dois caciques pagãos que chegaram hoje pela manhã?

Oros - Na Casa de Retiros com os demais.

Prov - (Violento) Quero saber por que é que procuram a Cristo? Que é que nosso Cristo pode fazer agora... Vocês, caciques imbecis, saiam daqui, fora... fora...

(Por instantes os dois fitam o padre e, de repente, retiram-se em atitude de revolta.)

Prov - (Aniquilado, segura-se à mesa) Oh! Meu Deus.

Oros - (Fitando atônito o padre, também faz menção de sair, em atitude de revolta. Quando está saindo...)

CENA XLII

(Provincial e Oros)

Prov - (Com voz muito áspera e violento) Oros?

Oros - (Para, mas quer seguir, indeciso)

Prov - Padre Oros de Mendonça?! Eu não o mandei sair. Tenho outras ordens para o senhor. Volta aqui.

Oros - (Parado) Não posso ouvir mais nada.

Prov - Apresente-se a Dom Miura. Comunique a ele o cumprimento de minhas ordens.

Oros - (Ainda de costas) Não posso, padre Provincial.

Prov - Comunique-lhe o cumprimento de minhas ordens!?!

Oros - O que o senhor manda é pecado. O voto de obediência não me

esta permissão , ninguém pode entrar no Estado Sagrado, sobretudo os cristãos espanhóis. Estranho, né, Excelência ?

Quir - Excelência ?

Miur - Pois não, senhor Quirini.

Quir - Permite-me fazer uma pergunta à testemunha, Dom Miura ?

Miur - Evidente. Tenha a bondade, senhor Quirini.

Quir - O senhor é calvinista, senhor Cornelis ?

Corn - É, sou um herege... e gosto dos jesuítas. Paradoxo, não ? Mas nem mesmo o depoimento de um herege pode prejudicar esses homens. Mais uma pergunta ?

Quir - Não, era só.

Miur - O senhor afirmou, se entendi bem, que para uma mesma quantidade de erva-mate dos jesuítas o senhor pagava mais do que a erva dos espanhóis ?

Corn - A diferença do gosto se percebe no mundo inteiro. Uma é plantada com amor, outra adubada com ódio. O senhor já experimentou a erva-mate de Santo Ângelo Custódio ?

Miur - Agradeço-lhe as declarações senhor Cornelis. Lastimo ter que pedir que permaneça ainda no Colégio.

Corn - O bispo, os comerciantes e fazendeiros puderam sair. Por que é que segura a mim, um cidadão holandês ?

Miur - Um pouco de paciência, Cornelis.

Corn - Já embaixo as coisas estão ficando pretas. Os índios dos padres cheiraram o que o senhor pretende aqui. Eu não quero virar carne espetada naquelas lanças. Deixe-me sair.

Miur - Meus soldados impedirão qualquer revolta. Aqui o senhor está seguro.

Corn - Não sei... não sei... (Retira-se)

CENA XIII

(Os mesmos menos Cornelis)

Miur - Padre Cros ?

Cros - Excelência.

Miur - Qual é sua função nas Reduções ?

Cros - Fui oficial de reino. Pela minha experiência militar, confiaram a segurança da região contra assaltantes e depredações. Dirijo as operações militares. Temos que estar sempre prontos ao apelo do

Rei.

Miur - O senhor já lutou pela Espanha com seus índios ?

Oros - Desde que o Rei nos concedeu o privilégio do armamento, já nos batemos pelo Rei quarenta vezes, em expedições maiores ou menores.

Miur - Seus índios são soldados valentes ?

Oros - Nós os jesuítas transformamos os bandos selvagens em regimentos disciplinados. Podemos apresentar em qualquer hora uma tropa de combate, às ordens de sua Majestade.

Miur - Como está organizado seu exercito ?

Oros - Cada Redução fornece ao menos dois regimentos. Ao todo, pois, sessenta regimentos: infantaria, cavalaria e artilharia. Tudo somado, trinta mil homens.

Miur - Os senhores possuem armas?

Oros - Fundimos canhões.

Miur - E munições ?

Oros - Algumas Reduções fabricam pólvora e outras armas. Nossos depósitos bastam, no momento, para suprirem todo o exército.

Miur - A Espanha não tem inimigos, agora, no Paraguai. O exército poderia ser reduzido?

Oros - O privilégio real nos permite a formação de um exército. Aceitamos o privilégio.

Miur - O privilégio é velho... data de Felipe V. No reino, alguns fidalgos temem que, algum dia os senhores poderiam deixar da defesa e passar ao ataque.

Oros - Isto não é sério. Atacar a quem ?

Miur - Não fui muito claro. Quero dizer que... seus índios poderiam, um dia, tornarem-se independentes.

Oros - Impossível. Nosso exército é disciplinado e só obedece aos superiores, os padres.

Miur - E se o senhor ordenasse aos índios que depusessem as armas.

Oros - Deporiam na hora.

Miur - E quem poderia dar essa ordem geral?

Oros - O Reverendo padre Provincial.

Miur - E o padre Provincial obedece a quem?

Oros - A Sua Majestade o Rei e ao Geral da Ordem.

Miur - Suponhamos que os portugueses atacassem hoje. Seu exército então se põe em movimento?

Oros - Com toda a certeza.

Miur - O senhor tem o comando do exército?

Oros - Como militar sou o chefe.

Miur - Quem dá a ordem de marchar?

Oros - O padre Provincial.

Miur - Padre Provincial.

Prov - Confirmo tudo o que o padre Oros acaba de dizer. Hoje nenhum bandido escapa impune se vier perturbar nossa obra pacífica.

Miur - Efetivamente, trinta mil homens, soldados disciplinados, inspiram respeito. Aqui na América ninguém ousaria enfrentá-los. Este Estado Sagrado assumiu proporções no mundo. (para Oros) Onde o senhor servia antes de ingressar na Companhia de Jesus?

Oros - Em Toledo.

Miur - Obrigado, padre Oros. A audiência está encerrada. Mas, antes, preciso falar em particular com o padre Provincial. Queiram pois retirarem-se os senhores.

(Oros e Quirini saem)

CENA IV

(Provincial e Miura)

Miur - É evidente que as acusações contra os senhores são falsas.

Prov - Nunca duvidei de sua inteligência insubornável.

Miur - Os senhores não desobedecem ao Rei.

Prov - Nunca desobedecemos.

Miur - Os senhores não escravizam os índios.

Prov - Ouso afirmar que nosso Estado é um dos poucos do mundo que não se baseiam no princípio da opressão.

Miur - Os senhores não tiram lucros excessivos em seus negócios.

Prov - Mesmo o herege Cornelis confirmou isto.

Miur - Os senhores não possuem minas de prata e nem amontoam riquezas.

Prov - Provamos que nem o dinheiro nem o ouro fazem parte da felicidade de um povo.

Miur - Apesar disso tudo, as denúncias e acusações se repetem.

Prov - O senhor há de justificar-nos uma vez por todas perante o Rei.

Miur - (Pegando uma carta que tem sobre a mesa) Padre Provincial, tudo isto já é muito tarde. Os jesuítas estão condenados. A Espanha, cega e irrefletidamente deu ouvidos às acusações. Aqui

- está o documento de condenação. Leia. (Passa-lhe a carta)
- Prov -- (Sem entender fica olhando Miura)
- Miur -- Queira ler a carta.
- Prov -- (Lendo) "Considerando que foi provado que os jesuítas do Paraguai tornaram-se infiéis à Coroa; considerando que, sob o pretexto de religião, instituíram a escravidão e tirania contra o meu povo indígena; considerando que se enriquecem, ocultando minas de prata; considerando que..." (Para Miura) considerando que foi provado... que foi provado ?
- Miur -- (Tira-lhe a carta das mãos e continua lendo com calma) ... ordeno, em virtude de meu supremo poder, que o Altíssimo depositou em minhas mãos, que todos os membros da Companhia de Jesus deverão abandonar a Província do Paraguai e que seus bens sejam confiscados. Dado em Buen Retiro, em 27 de fevereiro. Sob o meu xirografo. O Rei" (Torna a entregar a carta ao Provincial)
- Prov -- (Calmo) A sentença é inválida. O rei foi enganado.
- Miur -- (Concorde) O Rei foi enganado.
- Prov -- Que pretende Vossa Excelência fazer?
- Miur -- Não posso executar a sentença.
- Prov -- Vossa Excelência há de esclarecer ao Rei. Vossa Excelência é nosso salvador. A Providência Divina o designou para salvar nosso Estado.
- Miur -- Vou esclarecer ao Rei... Vou mostrar que isto não é verdade... Mas seu Estado... seu Estado vai ruir por terra assim mesmo.
- Prov -- Não entendo...
- Miur -- Seu Estado vai ruir por terra... é tudo muito tarde.
- Prov -- Nós estamos perdidos?
- Miur -- Os senhores, sim.
- Prov -- Vossa Excelência confirma que não praticamos injustiças e diz que estamos perdidos?
- Miur -- Injustiça. Nós todos somos injustos. Não há Estado neste mundo que não esteja carregado de injustiças clamorosas. Não é porém a injustiça que vai fazer seu Estado ruir. Coisa muito pior e mais grave pesa sobre vossas cabeças.
- Prov -- Mais grave ?
- Miur -- Sim... a de terem razão.

Prov - (Esperançoso) Temos razão?

Miur - É justamente por terem razão é que devem ser aniquilados. Aniquilados implacavelmente.

Prov - Mas... Vossa Excelência enlouqueceu?

Miur - Seria um louco se falasse de outra maneira. Veja aqui. (Mostra o mapa) O que fizeram deste país, nos pampas, nas matas virgens, onde nós nunca teríamos penetrado. Um reino de amor e justiça. Os senhores semeiam e colhem sem ganância; os índios cantam louvores aos padres e fogem dos nossos fazendeiros. Seus produtos conquistam o mundo e nossos comerciantes empobrecem. Junto aos senhores reina a paz e a abundância enquanto que na Espanha, a terra mãe, reina a miséria e a fome. Esta terra, que conquistamos com nosso sangue, os senhores a engrandecem... contra nós. Hoje, nós os poderosos, trememos diante do exemplo jesuítico. Enquanto conquistamos terras com guerras, os senhores dilatam as fronteiras pela paz. Nós despedaçamos... os senhores juntam. Amanhã terão trinta e cinco Reduções... e em alguns anos, setenta. Então serão trezentos mil índios... Quanto tempo levará para tomarem conta de todo o continente? E nós de braços cruzados? Tolo seria o Rei se não os expulsasse enquanto é tempo. Os senhores devem desaparecer. Em nome do mesmo Império que deu a permissão de tentarem aqui a obra da civilização, desapareçam. Acabem com esta conquista que já é muito perigosa para nós.

Prov - Esta conquista é sagrada. Quem a tocar estará pecando contra Deus.

Miur - Não queira falar em Deus quando estão em jogo os interesses políticos do Reino.

Prov - Vossa Excelência está blasfemando... Tenho que respeitá-lo como enviado do Rei... Que decide?

Miur - (Um pouco angustiado) Não posso executar a sentença... Seria fácil aos senhores provar que as acusações são falsas...

Prov - O que não impediria nossa destruição... segundo declarações de Vossa Excelência...

Miur - Aos olhos do mundo tudo deve parecer muito justo.

Prov - Que decide então?

Miur - A entrega das Reduções. O senhor mesmo deverá entregar as Reduções.

Prov - (Revoltado) Não há poder no mundo que me obrigue a entregar nos-

sas Reduções.

Miur - Tenho poderes suficientes para obrigá-lo, padre Provincial.

Prov - (Irritado) Obrigue-me, então.

Miur - Sua recusa traria junto a interdição de toda a Ordem em todo o Império Espanhol. Na França e em Portugal a Companhia de Jesus foi interdita. Se entregarem a Província do Paraguai, nós permitiremos que continuem livres na Espanha.

Prov - Isto é uma trapaça.

Miur - Para o bem do Reino, todos os meios são lícitos.

Prov - Só ao padre Geral compete decidir sobre os destinos da Província.

Miur - O Papa e o padre Geral prometeram investigação e jamais fizeram. Agora é tarde. Não nos encarregaremos de notificar a eles a dissolução do Estado Jesuítico no Paraguai.

Prov - Trapaça.

Miur - O Paraguai... ou a Ordem, padre Provincial.

Prov - Deixe-me tempo para pensar...

Miur - Não posso dar tempo. Quero uma decisão agora.

GENA XV

(Os mesmos e Oros que entra precipitado)

Oros - Padre Provincial, Um boato espalhou o pânico entre nossos índios (A Miura) Seus soldados disseram que os senhores querem tomar nosso Estado à força.

Miur - Isto é mentira, padre Provincial.

Prov - (Cabeça baixa, calado)

Oros - Padre, faça alguma coisa, dê alguma ordem. Nossos índios desar-
maram os soldados espanhóis. Eles vão nos acusar de rebelião.

Prov - (Continua calado)

Miur - Responda, padre Provincial.

Prov - (Calmo) É verdade, padre Oros. Querem destruir, covardemente,
o Estado Sagrado.

Oros - Destruir?... aguardo a ordem de opor resistência, padre Pro-
vincial.

Miur - Reflita, Alfonso Fernandes. Aqui só há um direito que vale: o do
Rei.

Prov - Aqui vale apenas um direito: o direito de Deus. E em nome deste
direito, Dom Pedro de Miura, o senhor é nosso prisioneiro. Pa-

dre Oros, o senhor é responsável pela segurança do Visitador.
Oros - Excelência, queira entregar sua espada.
Miur - (Com a mão sobre a espada, espera um momento e depois entrega)
E os senhores ainda se dizem inocentes...
(A luz se apaga. Música)

CENA XVI

(Ao iluminar-se o palco o Provincial está sentado em sua escrivaninha. Diante dele, Oros e mais atrás, Cornelis e Quirini)
Prov - (Lê, como se tivesse escrito a carta para todos os padres)
" Padres das Reduções do Paraguai, Paraná e Uruguai. Todos nós, súbditos de Sua Majestade Católica, tivemos que opor-nos, com grande dor, a pessoas que obtiveram plenos poderes do Rei, usando mentiras. Tenho em mãos o decreto que arrancaram ao Rei com calúnias lançadas contra nós, inocentes. É mais do que um ataque à Reduções; é um crime contra Sua Majestade, O Rei Católico. Neste caso, a nossa resistência é ditada pela religião. A calúnia, a baixeza e a mentira querem tomar nosso lugar, nós que odiamos a calúnia, a baixeza e a mentira. Seríamos cuspidos da boca de Deus, se hesitássemos em revoltarmo-nos. Temos que reconhecer: Deus exige de nós uma confissão pública, para não ouvirmos um dia de sua própria boca a condenação por nossa infidelidade pelas Missões. Mantenham calmos os índios, por ora. Só os padres da Companhia de Jesus vão decidir sua sorte."
(a Oros) Padre Oros, reúne todos os espanhóis na Casa de Retiros. Vamos ouvi-los lá e procurarmos restabelecer a verdade.
Oros - Imediatamente. (Sai)
Corn - (Entusiasmado) Meus cumprimentos, padre Provincial. Jamais teria imaginado. Esta sua atitude é quase...
Prov - Então, senhor Cornelis...
Corn - É quase uma maravilha. Pena que o senhor não seja um calvinista. Vou ver o movimento lá fora. (Sai)
Prov - Senhor Quirini, vamos... (Faz menção de sair)
Quir - Pela graça e o amor de Cristo nosso Senhor, ouça-me um instante, padre Provincial.
Prov - (Para como que assustado) Pela graça e o amor de Cristo nosso

Senhor?...

Quir - Sim, senhor... Pela graça e o amor de Cristo nosso Senhor.

Prov - Mas, certamente, excelência, queira sentar-se. (Mostra uma cadeira diante de sua escrivaninha.)

Quir - (Suave) Agradeço... no entanto, não aqui.

Prov - Gostaria de acompanhar-me até a Casa de Retiros?

Quir - Lastimo, terei que abandonar o Colégio daqui a pouco... pretendo queira ter a bondade ...

Prov - Como não...

Quir - ...e a delicadeza de assentar-se aqui. (Mostra a cadeira em frente à escrivaninha.)

Prov - (Sem compreender) Como?

Quir - (Quirini dirige-se e assenta-se no lugar destinado ao Provincial) Por favor, queira assentar-se.

Prov - (Sempre em pé e sem compreender) Quem é o senhor ?

Quir - (Sentado, fala calmo) O menor servo de todos os servos em nome da Companhia de Jesus.

Prov - (Atônito) Quem é... o senhor?

Quir - Um humilde servo da Companhia de Jesus, repito.

Prov - Não posso acreditar; o senhor não é um jesuíta.

Quir - Nosso muito reverendo padre Geral achou conveniente enviar seu representante neste disfarce.

Prov - O senhor é o legado do padre Geral ? Louvado seja Deus que o enviou neste momento de perigo.

Quir - Momento de perigo... (Entrega as credenciais ao Provincial) Eis minhas credenciais.

Prov - (Senta-se para ler. Depois, levanta-se) Senhor legado, humildemente peço as suas ordens.

Quir - (Em pé) Aqui estou em lugar do padre Geral. O senhor sabe disso e o que isso significa.

Prov - A quem devo obediência como a um pai.

Quir - (Severo) O tempo urge. Por isso ordeno que devolva imediatamente os poderes ao Visitador espanhol.

Prov - Senhor legado... o senhor mesmo foi testemunha da violência que nos fizeram.

Quir - (Ríspido) E não permitirei que nós mesmos usemos da violência.

Prov - O Visitador nos obrigou a tal atitude.

Quir - Não estou justificando o Visitador.

- Prov - Os aventureiros e traficantes de escravos são nossos inimigos.
- Quir - Eu sei muito bem disso.
- Prov - O Rei foi enganado e iludido por esta gente.
- Quir - Isto não vem ao caso.
- Prov - (Mostra, irritado, a sentença) Jamais o Rei teria assinado tal sentença se tivesse conhecido os móveis infames.
- Quir - (Misterioso) Seria pena. O decreto do Rei favorece nossos planos.
- Prov - O senhor não vê então a culpa imensa que pesa sobre o Visitador?
- Quir - (Irritado) E a nossa culpa?! Não vê a grande culpa que pesa sobre nós, no Paraguai?
- Prov - (Abalado) Não compreendo, padre...
- Quir - Não compreende o que fizemos com os índios? que esperam um reino de proteção e fartura que jamais poderemos dar? Não vê o índio já espera a independência nacional, momento então que toda nossa obra estaria perdida?
- Prov - O senhor toma partido da violência, então?
- Quir - Certamente que sim, se assim me interpreta. É assim mesmo. Nesse lugar não é nas selvas e nos pampas; é junto aos poderosos, para implantar nos corações dos tiranos e potentes as virtudes cristãs. Temos que conhecer os nossos limites. Eles foram esquecidos aqui no Paraguai. Mas ainda não é tarde demais. Temos que fazer o grande sacrifício: a retirada da Companhia de Jesus de todo o Paraguai.
- Prov - Com isto sacrificamos as almas de centenas de milhares de índios cristãos.
- Quir - Até mesmo este sacrifício deve ser feito para a maior glória de Deus.
- Prov - O senhor então recusa a vinda a Cristo dos milhares de índios ainda pagãos?
- Quir - Não queremos esta espécie de cristãos que consideram nossa santa religião como proteção, alimento, garantia, direção benévola e justa. Deus não é político e o que fizemos aqui foi política. E esta política hoje se volta contra os príncipes cristãos da Europa, de quem éramos a guarda-avançada. Hoje eles nos consideram seus adversários. Perseguem nossos padres com seu ódio. E este ódio há de trazer grande desgraça à Ordem de Jesus se

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTE. N.º 7075

Miur -- Senhor Provincial, estou encarregado de proceder imediatamente a visita de inquérito.

Prov -- Ótimo. Seremos gratos.

Miur -- Terei que tomar decisões que não serão tão agradáveis nem para mim, nem para o senhor.

Prov -- Queira executá-las, Dom Miura.

Miur -- Vou examinar o que é justo e o que é injusto vou condenar. Mas terei que tomar as disposições. (Levanta-se) Eis a primeira ordem, padre Provincial: Ninguém poderá entrar e nem sair dos lugares onde ocorrerá o processo inquisitório.

Prov -- Compreendo.

Miur -- Neste caso isto significa o Colégio Jesuítico inteiro. Durante o processo ninguém poderá deixar esta casa.

Prov -- Aceitamos humildemente todas as disposições.

Miur -- A segunda ordem é a seguinte:

(É interrompido pela entrada esbaforida de Cornelis)

CENA IX

(Provincial, Miura e Cornelis)

Corn -- Diabos! Infelizmente tenho que pedir-lhe hospitalidade, padre provincial. Os soldados deste senhor não deixam ninguém sair do Colégio e já se adonaram de tudo.

Prov -- Sei disso, Cornelis. (para Miura) Apresento-lhe o senhor Cornelis, de Roterdã. Queira deixá-lo passar. Responsabilizo-me por ele.

Miur -- Não posso. Seria contra as instruções reais.

Corn -- V. Exa. está prendendo um cidadão da Holanda livre, compreende?

Miur -- Responderei por isso.

Prov -- Mas o senhor não está preso, senhor Cornelis.

Corn -- Estou tão preso como o senhor, padre Provincial.

Prov -- Como eu ?

Corn -- Que dúvida. Como o senhor e como todos os padres do Colégio. Como é que se sente assim, prisioneiro do seu próprio Rei.

Prov -- (rindo, incrédulo) Eu... preso...

Corn -- Frevô, sim senhor. Mas será que não percebeu que todos os jesuítas estão presos aqui?

Prov -- (para Miura) O senhor considera o fechamento provisório dos

Colégios como ordem de prisão, Dom Miura ?

Miur - (não responde; apenas se movimenta sem falar)

Prov - ... ou estamos de fato presos.

Miur - (polido) A segunda ordem que tenho diz textualmente: " Durante todo o tempo do processo o Visitador manterá os jesuítas em prisão preventiva."

Prov - (recua uns passos. Diante do mapa abre lentamente os braços como que para protegê-lo) Não... isto não... oh! Deus...

(A luz cai até sumir-se)

CENA X

(No fundo começam a aparecer cenas do filme, mostrando a exuberância da época jesuítica. Não suas ruínas, mas o que de melhor se poderá colher dando mostras do brilho e riqueza das Reduções)

Voz2 - Seu dever era ajuntar material de acusação. Onde estão as provas dos tesouros escondidos? Onde estão os mapas das minas de ouro? Onde estão as moedas com a inscrição " Nicolau Nianguira, Rei do Paragusi" ? Queremos testemunhos claros de que os Padres aqui exercem regime tirânico, de que são infiéis a Sua Majestade o Rei da Espanha. Onde estão estes documentos?

Voz3 - Aí está o material. Viajei meses para trazer isto e muito mais. Já em Candelária carreguei um burro. Em San Tomé já precisei mais um burro. Depois, em São Miguel, São João e Santo Ângelo mais um burro para trazer este acervo. Em São Francisco de Borja...

Voz2 - Já sei... Um quarto burro que deve ser você mesmo. Este acervo de estátuas e porcarias não servem para nada. Que provas são estas contra os jesuítas? E os depoimentos dos caciques e correedores? De que adiantam?

Voz3 - Cumpri com o meu dever. Estão aí depoimentos de duas mil pessoas. O que dizem? Queriam depoimentos? Leiam estas duas mil folhas ou viagem como eu viajei.

Voz 2 - Você ainda quer brincar com isto?

Voz3 - (Irritada) Brincar? Ora, se querem derrubar o Estado dos Jesuí-

tas é só tirar o decreto do bolso e estará Para
que depoimentos? Para que processos e inquéritos? O que é que
tem este Estado Sagrado que alguém possa se interessar? Erva-
mate, trigo, algodão e algumas igrejas? Os cento e cinquenta
mil índios são escravos talhados e nada mais... Uma pequena
guerra e a questão estará resolvida.

Voz2 - É que justamente não deve haver guerra, o senhor compreende?
Diante do mundo tudo deve parecer legal, para que ninguém pen-
se em resistir. Temos que provar que os Jesuítas são infiéis
ao Rei, que possuem minas de ouro e prata e sonegam os impos-
tos disso, que escravizam os índios e que nós somos os liberta-
dores.

Voz3 - Isso não se prova, simplesmente porque isso não é verdade.

Voz2 - Tem que ser verdade, não entende? Temos que prová-lo.

Voz3 - Mas para que encenar? Os soldados acabarão com este Estado
num dia.

Voz2 - (Gritado) Mas precisamos provar, não entende? Provar...

(A tela escurece e ilumina-se o palco)

CENA XI

(Na sala estará Dom Miura, Provincial e Quirini)

Miur - (Sentado, com muitos depoimentos em sua frente) O senhor Quirini,
tenha a bondade. (aponta a cadeira)

Quir - Pelas aparências, o senhor Visitador pretende implicar-me no
processo dos Padres. Eu não quero isto.

Miur - Lastmo, senhor Quirini, ter-lhe cercado a liberdade.

Quir - Naturalmente, curvo-me diante das suas determinações. Apenas,
se me permite, quero manifestar-me estranho à detenção de via-
jantes e estrangeiros.

Miur - Sinto muito, senhor Quirini, mas só executo ordens.

Quir - Também costume executar ordens.

Miur - (Impaciente) Não quero obrigá-lo a assistir o processo. Mas
terá que permanecer dentro do recinto do Colégio.

Prov - Para nós, os Padres, seria um favor se o senhor ficasse e ouvisse
o processo de inquérito.

Quir - Talvez se apresentem assuntos que um estranho não deva ouvir.

Prov - Creio que o senhor se engana. Não temos nada a ocultar.

Quir - Neste caso, excelência, eu fico. (Senta-se)

Miur - (De pé) Senhor padre Provincial, queira mandar entrar o relator e promotores, bem como as testemunhas. A partir deste momento está instaurada a sessão do processo contra os padres Jesuítas e seu Estado.

(Enquanto o padre Provincial está saindo as luzes vão diminuindo até escurecer total. Forte música toma conta de tudo e começa a aparecer na tela todas as ruínas que se poderá colher da obra jesuítica.)

(O inquérito todo será gravado junto à banda magnética do filme e as vozes deverá ser as mesmas do teatro.)

Miur - Padre Provincial, sabe Vossa Reverendíssima do que os acusam?

Prov - Acusam-nos de fundarmos um Estado soberano e de sermos infiéis a Sua Majestade o Rei. Acusam-nos de ocultarmos em nossas reduções minas de prata. Acusam-nos de tirarmos lucros excessivos de nossos negócios e assim prejudicarmos os interesses do reino. Acusam-nos, enfim, que tiramos a liberdade dos índios a nós confiados e os levamos a escravidão.

Miur - Havemos de examinar uma por estas acusações. Senhor Relator, é exato que os Jesuítas possuem um reino soberano?

Voz - Sim, excelência, é exato.

Miur - Padre Provincial.

Prov - Não temos um reino soberano.

Voz - Os jesuítas fazem o que bem entendem em suas Reduções, portanto, são soberanos.

Miur - Sem se desligarem da soberania espanhola ?

Voz - Sim, de fato... sem se desligarem.

Miur - Continuam, portanto, súditos de Sua Majestade ?

Voz - Sim, continuam súditos.

Miur - Neste caso não são soberanos.

Voz - É... neste caso é possível afirmar também que não são soberanos.

Miur - Senhor escrivão, queira assentar no protocolo: verificamos ser falsa a acusação que diz terem os jesuítas fundado um reino soberano.

(Música)

Miur - Passemos a segunda questão. Senhor Relator. É verdade que os jesuítas, no Paraguai, desobedecem ao Rei ?

Voz - Desobedecer? ... Sim... o quanto pude verificar não são lá muito obedientes ao Rei.

Miur - Devo lembrar ao senhor que estamos num inquérito. Desobedecem ou não ?

Voz - Não... não obedecem.

Miur - Padre Provincial !

Prov - Estamos nas mãos do Rei que nos protege e a quem prestamos obediência incondicional.

Miur - E se o Rei deixar de protegê-los ?

Prov - Ainda então seria nosso chefe supremo no domínio secular.

Miur - Quer dizer que obedecerão ao Rei em tudo o que ele mandar?

Prov - Contanto que não exija de nós o pecado.

Miur - Senhor escrivão, queira anotar: A segunda acusação também não parece justificada.

(Música)

Miur - Vamos continuar. É exato, senhor Relator, que nas Reduções dos Jesuítas se encontram minas de prata ?

Voz - Senhor Visitador... Penso que podemos afirmar, com consciência tranquila, que é mito provável que os jesuítas tenham em seu Estado alguma mina de prata.

Miur - Mas provar, o senhor pode provar ?

Voz - Quase... quase...

Miur - Padre Provincial!

Prov - Asseguro que no território de todas as Reduções não foi encontrado nem prata nem ouro, nem outro metal precioso.

Miur - (insistente) Senhor Relator, possui provas suficientemente claras sobre a existência de minas de prata em território jesuítico?

Voz - Não, excelência,

Miur - Então queira escrever, senhor Escrivão: até agora não houve a menor prova de que os jesuítas possuam minas de prata.

(Música)

Miur - Continuemos. Quanto a questão dos lucros excessivos que os padres tiram de seus negócios, acho uma acusação irrelevante, pelo que vamos passar a última. Os jesuítas são acusados de tolherem a liberdade dos índios a eles confiados e de os levarem a escravidão. Que tem a dizer sobre isso, senhor Relator?

Voz - Todo o Estado Sagrado... digo Jesuítico, é governado por 100

jesuítas. 100 padres mandam em 150.000 índios. A Redução de Candelária possui 7.000 índios que são governados por dois padres. A de São Miguel possui 6.000 índios e também são governados por dois padres jesuítas. Trinta Reduções, sessenta padres. O resto dos padres estão em Assuncion e Buenos Aires de onde dominam o Estado. Nas Reduções, os padres são tudo: funcionários, juizes, inspetores, professores e comandantes. O índio não goza de liberdade e quem não goza de liberdade é escravo. Todos os índios das Reduções são escravos. Os jesuítas instituíram o reino da tirania e escravidão.

Miur - Padre Provincial !

Prov - É verdade que sempre dois padres mandam em diversos milhares de índios. É verdade que nós temos que cuidar também das coisas materiais dos índios, ao lado do bem espiritual. Eles não são capazes de controlar suas economias. Se não distribuirmos as sementes, eles as comem. Se não repartirmos a carne, eles charqueiam todos os bois em pouco tempo. Foi a necessidade que nos levou a ser tudo para todos: artífices, funcionários, cultivadores e juizes. De nossas mãos o povo recebe tudo que lhes é necessário para seu bem material e espiritual. É assim que nosso domínio absoluto se distingue de muitos outros governos ditatoriais.

Miur - O senhor quer dizer que quem domina escravos é o governo que o acusa ?

Prov - Eu não disse isso.

Miur - É possível. Talvez eu apenas tenha pensado. Senhor Escrivão, queira assentar: segundo as declarações do padre Provincial, não é exato que os índios sejam tratados como escravos.

(Múscia)

Miur - Quer parecer-me que todas as acusações acima mencionadas carecem de provas. Não estou disposto a praticar injustiças, nem servir de instrumento a elas. Queira, pois, confirmar, padre Provincial, que procedi com imparcialidade no inquérito.

Prov - Vossa Excelência procedeu com imparcialidade exemplar.

Miur - Não seria, no entanto, justo se eu não escutasse as pessoas responsáveis por tais acusações que se levantaram contra os senhores. Senhor Bispo de Buenos Aires.

LIBRARIU DE CENSURA DE
DIVERSAS PUBLICAS - DPF
CFE N.º 1075

VozB - As suas ordens, senhor Visitador.

Miur - Excelentíssimo senhor bispo, o senhor está diante de uma comissão de inquérito real. Queira, pois, responder somente a verdade. Quais são as queixas e reclamações que levanta contra a Companhia de Jesus no Paraguai?

VozB - A Companhia de Jesus sofreu, no Paraguai, uma transformação comprometedora. Abusam do poder espiritual e exercem um governo ilimitado sobre os índios. Proíbem a estes pobres seres humanos a aprender o espanhol e, o que é pior, proibem os espanhóis falarem com os índios sob seu domínio. E a nós, não jesuítas, proibem a entrada em território de seu Estado e nos tratam como padres perigosos a seus interesses. E como se isso não bastasse, negam a jurisdição do Bispo e do alto clero sobre a região. E foi abusando scilicet dos confesores do reino que conseguiram previlégios da coroa que hoje somente irritam a nobreza espanhola. Nós, os padres seculares, nunca tivemos tais previlégios, mas é a nós que chegam os nobres espanhóis, comerciantes e fazendeiros, a queixarem-se da arrogância com que são tratados pelos padres jesuítas. Ao bispo, no entanto, está proibido averiguar pessoalmente tais acusações pois o padre Provincial interditou nossa entrada em todas as trinta e quatro reduções.

Miur - Padre Provincial!

Prov - Infelizmente foi impossível dar a Sua Excelência a permissão de entrar em nossas Reduções. É que o senhor Bispo impôs condições que não poderíamos aceitar.

Miur - E quais foram estas condições ?

Prov - De fazerem-se acompanhar por cem nobres espanhóis, comerciantes e fazendeiros. Queiam espionar-nos. Não fosse isto, teríamos permitido com todo prazer a entrada do senhor Bispo, embora não tenhamos que prestar contas de nosso trabalho missionário ao clero secular.

Miur - ¶ Por que impôs tais condições, Excelência ?

VozB - Seria presunção demais querer entrar só em companhia de padres. Os jesuítas do reino dariam um jeito de me chamarem de volta para a Espanha... Isto seria meu fim. Mas, senhor Visitador, quero abrir-lhe os olhos para aquilo que os jesuítas fizeram de nossa Santa Religião nas Reduções. Profanaram o sacerdócio

e carregaram-no ... de ...
pretexto de Cristo, criaram um Estado oferecendo uma utopia,
onde o índio é enganado com abundância gratuita de alimentos e
roupas, despreocupação e segurança.

Miur - Nada mais a declarar ?

VozB - Isto é bastante.

Miur - Passemos ao representante dos fazendeiros e comerciantes.

VozC - Estou às suas ordens, senhor Visitador. Meu nome é Bustillos.

Miur - Senhor Bustillos, isto é um tribunal de inquérito. Portanto,
queira dizer somente a verdade. Quantos índios tem, o senhor, em
sua fazenda?

VozC - Seiscentos.

Miur - Foram batizados ?

VozC - Foram. Todos são católicos ortodoxos, como eu.

Miur - E por que fogem para as Reduções, se o regime jesuítico é mais
severo?

VozC - Porque os padres fazem propaganda mentirosa do Estado deles. En-
viam por todos os lugares, pessoas treinadas por eles e estas
pessoas convencem os índios a fugirem. Quantas vezes fiquei sem
mão-de-obra em plena colheita. Não está longe o dia em que nós,
nobres espanhóis, tenhamos que tomar a foice e a enxada. E, um
pouco mais, deixando os padres agirem sossegados em seus planos,
nós, os espanhóis, que pagamos impostos e lutamos pelo Rei, se-
remos expulsos enquanto os jesuítaserguem em todo o Paraguai o
Estado Sagrado, cheio de índios satisfeitos, mas pobres, prontos
a morrerem pelos seus deuses, os padres!

Miur - É só ?

VozC - É só, mas gostaria que ouvisse os senhores Queseda e Catalde,
dois comerciantes de Buenos Aires.

Miur - Fala senhor Queseda.

VozC - Sou comerciante exportador, Excelência. É com dificuldades que
plantamos o mate. Os índios são preguiçosos e só pensam em co-
mer. Mas isto não é nada perto da concorrência desleal dos je-
suítas, que nos roubam toda a clientela. Nós pagamos impostos
ao Rei, mas eles não pagam nada. Desta forma, estamos sem cli-
entes, sem lucros e o reino sem impostos. Como se isto não has-
tasse, os jesuítas ainda recebem subvenções do reino. Sabemos
bem disso, Excelência. Dois terços dos latifúndios do reino per-

DIVISÃO DE CENSURA - DE
DIVERS. PÙBLICAS - DPF
CTF N 7675

tencem à Igreja e aos mosteiros. Os padres vivem na fartura e o pobre povo passa fome.

Miur - Senhor Catalde.

VozT - Excelência, também sou comerciante. Fui soldado do reino e entendo de assuntos militares. Prezaria muito se Vossa Excelência interrogasse o padre Provincial sobre o armamento no Estado Jesuítico. Se o senhor pensa que eles acreditam apenas no Senhor Deus, está muito enganado. Os jesuítas possuem um exército aguerrido, fabricam munição e em seu depósito há armas acima do necessário. Vivem elaborando planos de defesa, Vossa Excelência, compreende.. no momento oportuno eles é que vão decidir quem os atacou.

Prov - Senhor Visitador, se permite respondo isto imediata...

Miur - Queira acalmar-se, senhor padre. Alguma coisa a mais, senhor Catalde ?

VozT - É só.

Miur - Pelo que acabei de ouvir, padre Provincial, seu Estado sempre cresce mais e mais?

Prov - Sempre mais. Mas jamais...

Miur - (nervoso) E porque não fazem, os senhores, como os missionários de outras ordens, que passam de lugar em lugar ? Batizando e pregando, sem se preocuparem com o resto? Por que fundam um Estado e o desenvolvem no poder temporal? O que é que ocultam nessa política, senhor padre Provincial ?

Prov - Nós não desenvolvemos o governo temporal. O Estado, como tal, é indiferente para nós. Mas, no Paraguai, como nas margens do rio Uruguai e Paraná, tivemos que agir assim.

Miur - E não havia outra possibilidade ?

Prov - O cristianismo dos índios desaparece quando convivem com os cristãos espanhóis ou portugueses.

Miur - Mas ninguém obriga os índios a viverem com cristãos espanhóis ou portugueses. Podem permanecer nas selvas ou nos pampas.

Prov - É que não deixaram os índios nas suas selvas e pampas. Foram caçados, presos e reduzidos a escravos.

Miur - Quem fez isto ?

Prov - Cristãos.

Miur - Parece que entendi. Quer dizer que nas Reduções os índios estavam livres dos caçadores humanos?

Prov - É por isto também que temos armas.

Miur - Compreendo. E agora uma pergunta muito importante. Que aconteceria aos índios se tirássemos as Reduções dos jesuítas e as déssemos a outros padres, não jesuítas ? O Deus de vocês é outro ?

Prov - E quem cuidaria das outras coisas ? Os índios se habituaram a nós. Nós pensamos por eles. De nossas mãos recebem o pão, de nossas mãos recebem o prêmio e o castigo. Não creio que obedeceriam a outros religiosos.

Miur - De certa maneira os jesuítas são insubstituíveis ?

Prov - Ouso confessá-lo, com toda humildade: no Paraguai, para maior glória de Deus, nós, os jesuítas, somos insubstituíveis.

Miur - Escreva isto, senhor escrivão... " Os jesuítas declaram-se insubstituíveis, no Paraguai."

(A tela escurece. Aqui pode haver um intervalo)

CENA XII

(Miura, Provincial, Oros, Quirini e Cornelis)

Miur - (Em atitude de inquérito, ainda.) Cornelis, o senhor é um cidadão holandês, não posso obrigá-lo a depor.

Corn - Não é preciso obrigar. Quero lembrar apenas que estou aqui contra a minha vontade. Vou queixar-me ao embaixador holandês em Madrid.

Miur - Cornelis, porque o senhor compra a erva-mate dos jesuítas, quando podia recebê-la mais barata dos comerciantes espanhóis ?

Corn - Mais barata, mas completamente podre. O senhor não conhece esta erva. Ela é misteriosa. Só é boa quando colhida sem ganância, diabo. Colhida de coração, a erva dá muito boa. Os jesuítas sim, e mesmo os índios, trabalham com gosto neste Estado. Estranho, né Excelência ?

Miur - Contaram-me que os índios são preguiçosos

Corn - Pois é. Como escravos, debaixo do chicote, são preguiçosos mesmo e se revoltam. Mas nas Reduções, onde não usam o chicote e onde trabalham só seis horas por dia, com comida, música e rezas à vontade, os índios deixam de ser preguiçosos.

Miur - O senhor viajou pelas Reduções, senhor Cornelis ?

Corn - Por quase todas elas. Com uma permissão do padre Provincial. Sem

CANTO nº 2

PROGRESSO E PAZ

Flocos brancos de algodão
farinha branca do trigo
terra que faz paz e pão
chão de Tupã-bom amigo.
Mais do que searas e messes
do trigo, fumo, algodão
a paz de um amém nas preces
dos índios nas reduções.

Em cada olhar a confiança
e a fé no amor de Tupã
o amigo bom que não cansa
luz da infinita manã.

Dos gentios, antes incréus
e agora irmãos em Jesus
sobem hosanas aos céus
e as almas espargem luz.
Há paz nas almas e na terra
também reflete essa paz
pela fartura que encerra
nas safras de ouro que faz

o milho, o trigo, os ervais
e as lavouras de algodão
e a terra aflorando mais
riquezas pra Redução.
O gado no pastoreio
e Deus em cada pastor
como se houvesse rodeio
para os marcados do amor.

Retamozo e Chagas
(JeJ)

CANTO nº 3

DECADÊNCIA E RUÍNAS

A pedra que cai do templo
não se transforma nem medra
desfaz a paz e no tempo
é pedra, somente pedra.
Eu que fui mais do que lar
escola, templo, oficina,
hoje-tapera a chorar
sou desespero de ruína

O templo erguido é semente
caindo nada mais é
do que pedra indiferente
simples matéria sem fé.

Meu povo se foi embora
lavoura o mato comeu;
a fé se esvaziou, agora
decerto até Deus morreu.
Só o desespero não some,
tudo que é bom já sumiu
e chegam a raiva, a fome,
a morte, o luto e o frio.

O jesuíta foi embora
e com ele também foi
disciplina, tempo e hora,
lavoura, oficina e boi.
Deus também se foi daqui
talvez para não sofrer
a mágoa de um guarani
já sem mais nada em que crer.

Retamozo e Chagas

CANTO nº 4

O INQUÉRITO

- 1a. P. - É verdade que os jesuitas
à Espanha são infiéis
e as suas obras malditas
as reduções, são quartéis ?
- 1a. R. - Não é verdade, não é...
Escravos é que eles são
de Deus, do Rei e da Fé,
do Reino e da Religião.
- 2a. P. - Das minas de ouro e de prata
os mapas onde é que estão ?
Os índios sob a chibata
esses locais nos dirão ?
- 2a. R. - Não há nem prata nem ouro,
nem minas, nem mapas há...
Gota de suor é o tesouro
que o índio sempre terá.
- 3a. P. - Onde se encontra a reserva
de lucros da Redução,
dos lucros da venda de erva,
de trigo, milho e algodão ?
- 3a. R. - As reservas, se as houvesse,
seriam no coração,
e os lucros, prata da prece
e o ouro, a fé, a devoção.
- 4a. P. - A mão-de-obra gratuita
dos índios na escravidão
é que permite ao jesuíta
as armas e a munição ?

(cont.)

4a. R. - Não é verdade, não é...
Os índios apenas são
escravos da própria fé
que os armas pela oração.

5a. P. - Existe por que razões
progresso, fartura e paz
e aumenta nas reduções
tudo aquilo que se faz ?

5a. R. - É por que a Deus se oferece
tudo, tudo o que se faz,
a lida, o pranto e a prece,
e a vida, os cantos e a paz.

Retamozo e Chagas

DIVISÃO DE CENSURA DE
DI. EM. SES. PÚBLICAS - DPF
CTF N° 7675

CANTO no 5

MALDICON

No quiero más saber de tus cadenas,
no quiero ni las apenas de tu amor,
el vuelo de los libres tu me quitas,
el pan que ya no quiero es el dolor.

Qué haré de mis sentidas oraciones
- un peón dentre los peones del dolor ?
qué haré sin el apoyo de los curas,
los dioses de mi dios puro amor ?
Qué haré desta mi fé que hoy es revuelta
y quema - llama suelta - hasta el dolor ?
Qué haré del corazón, hoy ya sin fuerza
de alar una oración dulce de amor ?

Retamozo e Chagas

CANTO nº 6

PRECE JESUÍTA

Por que meu Deus, explica-me, por que
devo deixar as Reduções agora ?
O índio é um ser humano que ama e crê...
é uma criança, é como a luz da aurora...

Deixá-lo no abandono de si mesmo
é fazê-lo morrer ficando vivo,
condená-lo a viver morrendo a esmo,
libertá-lo e deixá-lo mais cativo.

Por que meu Deus, por que tu nos condena ?
Amém, Senhor, amém, que assim se faça,
aceitamos cumprir as nossas penas,
eles e nós, irmãos pela desgraça.

Tu sabes o que fazes, aceitamos
a dolorosa cruz que tu nos dás ...
Mas sem o caule morrerão os ramos,
e sem a fé não haverá mais paz.

Retamozo e Chagas

CANTO nº 7

QUANDO O JESUITA SUMIU ...

O jesuíta foi embora,
com eles se foi também
o altar onde Deus se adora
e a doce paz de um aném.

Quando o jesuíta sumiu
sumiram-se os bons exemplos
e pedra por pedra ruiu
a pedra regular dos templos.

O jesuíta foi embora,
com ele também se foi
disciplina, tempo e hora
lavoura, oficina e boi.

Quando se foi o jesuíta
dentro dos índios caiu
a fé que era tão bonita
e os templos que construiu.

O jesuíta foi embora
e prata e ouro, sumiu
- prata de suor que evapora
- ouro da fé que fugiu.

Quando o jesuíta se foi
acabou-se o pastoreio,
alçou-se a vaca e o boi
e a fome parou rodeio.

O jesuíta foi embora
e quando foi ninguém viu,
a noite o orvalho chora
porque o jesuíta sumiu.

De dia o pranto das horas
sobre as tapeiras caiu
e agora até as pedras choram
por que o jesuíta sumiu.

Retamozo e Chagas

2501a
35
DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPE
CTF Nº 167079

Visto: *W. [signature]*

Rep. - Em 03-05-77

DIREITOS AUTORAIS
SICAM SDDA - SBAT - ING
Agencia
Santo Angelo - RS.

O ESTADO SAGRADO DAS MISSÕES

- Narrativa dramática da história dos
jesuítas na Província do Paraguai.

O E S T A D O S A G R A D O

Textos de Evaristo Arns adaptados
ao teatro por Mário Simon.

CENÁRIO

Uma sala do Colégio dos Jesuítas em Buenos Aires. É uma sala de Conselho e ao mesmo tempo gabinete do Provincial. Uma entrada à esquerda e uma janela aos fundos, pela direita. O centro do fundo deverá ser branco para projeções dos filmes e slides. Se possível, um quadro de São Francisco Xavier no lado direito. Cruzifixo, globo, biblioteca, as cadeiras para o Conselho, talvez um mapa, etc.

As cenas acontecem em 16 de julho de 1767, tudo num mesmo dia. Não há divisão em atos, mas poderá haver pausas para descanso.

CENA I

(Música inicial prepara para uma projeção de slides, aparecendo as figuras de padres jesuítas em missão com os índios, seus cânticos, suas orações, enfim, sua paz. Enquanto se projetam os slides, escuta-se o seguinte diálogo.)

- Provincial - Desejais o batismo ?
Índios - Desejamos o batismo, padre Provincial.
Prov - De que terras vistes?
Índi - Das Pampas, Somos Minuanos.
Prov - Concordais em abandonar a vida nômade?
Índi - Já não queremos nômade.
Prov - Vindes livremente até nós ?
Índi - Livremente, senhor padre.
Prov - É grande vossa tribo?
Índi - Sete mil somos nós. Sete mil, contando mulheres e crianças.
Aceita-nos em vosso reino, senhor padre?
Prov - Quereis servir a Cristo com todas as vossas forças?
Índi - A Cristo queremos servir com todas as nossas forças.
Prov - Em humildade?
Índi - Em humildade.

Prov - Por amor a Cristo deveis obedecer em todas as coisas aos nossos padres.

Indi - Queremos obedecer em todas as coisas aos padres.

Prov - Renunciáis a toda idolatria?

Indi - Só queremos m adorar ao Deus Jesus que é bom.

Prov - Renunciáis à poligamia?

Indi - Por amor a Jesus que é bom, renunciámos à poligamia.

Prov - Trabalhareis em comum nos campos. O fruto conquistado pelo vosso trabalho pertencerá a todos. Deveis despojar-vos de todo interesse pessoal, de todo o desejo do posse.

Indi - Se tu nos chefiarés, senhor padre, nunca há de faltar ao nosso povo nem pão nem carne. Dá-nos as ordens de Deus que é bom - nós queremos obedecer.

Prov - Para vós, abrimos ao longo do Paraná e do Uruguai, o Reino de Deus. Trinta Reduções, cento e cinquenta mil índios cristãos. Quereis, cacique, entregar vossos sete mil índios para a maior glória de Deus?

Indi - Assim como vimos livremente nós os sete mil Miguanos, assim todos os índios dessa terra virão ao Deus Jesus que é bom.

Prov - A graça e o amor de Cristo Nosso Senhor vos venha em auxílio e vos leve à salvação.

(Pausa - Música)

Prov - Cresce o Estado Sagrado. A messe é grande e poucos são os operários . Faltam-nos padres. Onde encontrarmos o pastor para o novo rebanho?

Padre - Poderéis confiar ao padre Reinegg a nova redução.

Prov - O suave músico entre índios incriminadamente selvagens? Não. Preciso de um missionário experimentado.

Padr - O padre Torres de São Miguel?

Prov - Não. Ele é espanhol.

Padr - Talvez o padre Escandon, de San Xavier ? Ou o padre Diogo Hane' ou ainda o padre Antônio Sepp ?

Prov - O padre Escandon ainda é muito moço e os outros muito velhos. Para uma tribo de sete mil índios precisamos do padre mais experimentado que tivermos.

Padr - E o padre Breguiel de Gandelária?

Prov - Eu penso no padre Berent.

Padr - Berent, de San Tomé ? Está por demais apegado aquele povo.
Faz vinte anos que se dedica a ele.

Prov - É o nosso missionário mais experimentado. É ele que virá à
nova redução. Mande um mensageiro a San Tomé.

(A cena escurece por momentos. Ao se iluminar estão os pads
Provincial e Oros.)

CENA II

Oros - Padre Provincial, é preciso armar-se contra a traição e hi-
pocrisia. Os soldados espanhóis, que a título de comissários
fanfarciam em nossas Reduções, não me agradam.

Prov - Os soldados espanhóis não dirigem o processo contra nós. Es-
peramos o Visitador do Rei - é da nobreza. Chega hoje...esta
hora já deve estar descendo do navio. Conheço-o da Espanha.
Chama-se Dom Miura. Sua nomeação para Visitador é manobra
política dos nossos padres em Madrid.

Oros - Mas os bispos de Buenos Aires, Tucuman e Assuncion estão
contra nós.

Prov - Os bispos defendem os interesses deles e seus penitentes, os
nobres. Nós defendemos os nossos interesses e dos índios.

Oros - Os fazendeiros nos odeiam.

Prov - Os fazendeiros podem corromper seus subalternos. O Visitador
Dom Miura é fidalgo e não pode ser corrompido.

Oros - Com calúnias contra nosso Estado, Sebastião Carvalho venceu
em Portugal.

Prov - Espanha não é Portugal.

Oros - Nossa Ordem foi interdita também na França. Os panfletos
do Marquês de Pombal contra nós foram a causa da expulsão dos
jesuítas no Brasil.

Prov - As causas reais são bem mais profundas. A nova filosofia po-
lítica é contrária a nós.

Oros - Padre Provincial, o poder temporal ameaça nosso Estado no
Paraguai. As reduções ao longo do Piratini, Iguá e Uruguai
também estão ameaçadas.

Prov - Mas o Santo Padre ama nosso Estado e o protege. Não se atre-
verão ofender o Santo Padre o Papa.

(O palco escurece)

CENA III

(Novamente no fundo a projeção de slides mostrando o trabalho missionário enquanto se escutam as vozes de:)

Vozi - Vocês permitem que os caluniam. Por que se escondem?

Prov - Senhor Bustillos... a que devemos a honra de sua visita?

Vozi - Que honra, que visita nada. Vira trazer o protestos de todos os fazendeiros e comerciantes católicos.

Prov - Ainda um momento de paciência, senhor Bustillos. Esperamos para hoje a visita do representante do Rei, Dom Miura. Então poderá queixar-se a ele.

Vozi - Vai ser mais um visitador que vocês, jesuítas, arrumaram para cá. Conheço bem os senhores. Não me enganam. Costumam indicar os juizes em causa própria. Protestamos. Retiram imediatamente seus índios da cidade. Enquanto eles aqui estiverem não quero que tenham contato com os nossos.

Prov - Nós somos obrigados a mantê-los aqui em Buenos Aires enquanto durar o Inquérito. Eles foram designados pela Comissão que o senhor Visitador determinou antes de sua vinda. Mas, creia-me senhor Bustillos, preferiria não tê-los aqui. O mau exemplo que seus índios...

Vozi - Mau exemplo ? São seus índios que dão mau exemplo aos nossos. Paraliza-se o trabalho. Ainda vai haver revoltas se não acabarem logo com isso.

Prov - Mas acabar com o quê?

Vozi - O senhor tem que proibir seus índios contarem aos nossos as coisas das Reduções. Os índios acreditam no seu Estado Sagrado, onde corre leite e mel. Como seria doce o cristianismo sem os escravizadores fazendeiros... Isto é coisa que se conta prá índio?

Prov - Os senhores não se sentem bem ouvindo a verdade?

Vozi - Já sabemos quem escolheu estes senhores... Visitador... Foram vocês, os jesuítas. Mas ouçam bem: Nós não vamos permitir que se sirvam de tais métodos, que prendam toda nossa mão-de-obra nas Reduções, fazendo os índios trabalharem para enriquecer os Padres. E dizem que têm privilégio real ? Pois de tiverem, trafiquem índios em outro lugar, mas retirem estes

animais de Buenos Aires.

Prov - Pois bem. Vou proibir que meus índios saiam do Colégio e da Casa de Retiros. Mas que os seus índios não falem com os nossos.

Vozl - Isto me serve.

Prov - Agora, senhor Bustillos, queira retirar-se.

Vozl - Vou, mas antes deixa-me dizer o mais importante: Os fazendeiros e comerciantes de Buenos Aires, que represento, exigem que os senhores abandonem o Paraguai.

Prov - Adeus, senhor Bustillos.

Vozl - Voltem para o lugar de onde vieram.

Prov - Não queira demorar-se, senhor Bustillos.

Vozl - Retirem-se para seus conventos. Deixem os índios livres. Abandonem o Paraguai.

Prov - Adeus, senhor Bustillos.

(A cena escurece)

CENA IV

(Provincial recebendo Cornelis e padre Oros)

Cor - Diabo. Acabou-se. Vou-me embora.

Prov - (entrando) Que há, Cornelis ?

Corn - (a Oros) Não preciso de sua erva-mate, entendem?

Oros - Cornelis há de comprar, desta vez, o mate em outra parte. Do outro lado, em San Sacramento.

Corn - Sim senhor. É o que vou fazer. Em San Sacramento. Para mim, que arrisco tudo, até a pele, vocês levantam o preço até o céu. Minha última oferta, desta vez diante do Provincial: quer deixar-me o mate por 1.200 florins?

Oros - Não posso e nem devo, Cornelis. Precisamos de ferro para as nossas Reduções. Precisamos de cal. Com o lucro do mate nós compramos nossas necessidades. É simples. Vá a San Sacramento e experimente nossa concorrência.

Corn - oh! Bem sei. Seu mate é o melhor, o mais fino, o mais desejado no mundo inteiro... a insuperável erva-mate dos jesuítas, diabo!

Oros - Então... infelizmente não poderemos lhe vender desta vez.

Corn - Meu chapéu... minha bengala... ah... ficaram lá fora. Padre Provincial, o senhor sabe como eu, um herege, defendo seu Estado. Sou um dos únicos que os defende em público. Mas desse jeito não dá mais. Querem me explorar.

Prov - Cheguem a um acordo. (a Oros) O senhor sabe, padre Oros, o senhor Cornelis é nosso amigo.

Corn - Este padre procurador não me tira nem mais um vintém. Mas... pela amizade que tenho com o padre Provincial eu dou 1.300. Nem mais um vintém.

Oros - Abaixo de 1.500 nada feito, senhor Cornelis.

Corn - Mil e quinhentos ? Até a volta.

CENA V

(Provincial e Oros)

Prov - Perdemos um amigo. Não seria mesmo possível ?

Oros - Os espanhóis não nos dão o ferro de graça. Temos que calcular senão entram as dívidas. Aliás, ele voltará à carga.

Prov - O Cornelis?

Oros - Não. há dúvida nenhuma.

Prov - Mostrou-se chocado.

Oros - Na aparência. Aprendi deles como se negocia.

(Cornelis volta)

CENA VI

(Provincial, Cornelis e Oros)

Corn - Diacho... Meu chapéu e bengala não estão lá fora... Pois eu... Talvez aqui... Não, onde deixei esse chapéu ? (sai esquerda)

Oros - Ele sabe direitinho onde deixou o chapéu e a bengala. Ele quer é o mate.

Corn - (Volta com o chapéu e a bengala. Para em frente o Provincial e estende-lhe a mão) Vemo-nos, assim, pela última vez, padre Provincial.

Prov - Iestimarria muito, senhor Cornelis. Entre em acordo com o senhor padre procurador.

Corn - Acordo com este homem? (para Oros) Não que eu queira o teu mate, mas o padre Provincial é tão bom... Olha, 1.400 florins ou me sumo daqui.

Oros - Está certo. Uma vêz que é para o senhor, Cornelis, está com-

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 1675

binado.

Corn - (Batendo nas costas de Oros) Gostei, gostei. O senhor sabe negociar.

Oros - Mando embarcar logo. O senhor me acompanha para verificar? Desta partida, a maior parte veio de Santo Ângelo Custódio.

Corn - É bom saber isto. Pode mandar embarcar. Tenho confiança no senhor.

(Oros sai)

CENA VII

(Provincial e Cornelis)

Corn - Aqui está a soma. (Contando na mesa) Duzentos, trezentos, quatrocentos...

Prov - Que Deus o acompanhe sempre e o guarde nas tormentas do mar.

Corn - Obrigado, padre Provincial... seiscentos, setecentos, oitocentos...

Prov - O senhor nos julga com calma e justiça. Gostaria que sua opinião sobre nós ganhasse terreno entre tantos inimigos que temos.

Corn - Engraçado. É justamente entre católicos que os senhores têm os maiores inimigos... novecentos, mil... e aí está o resto. Queira verificar.

Prov - Está tudo em ordem.

Corn - Se algum dia eu puder fazer alguma coisa pelos senhores, padre Provincial... Se porventura precisarem de asilo, nós, os holandeses damos asilo também para os jesuítas...

Prov - O senhor está gracejando.

Corn - Oh! Isto antes me entristece... Uma vez que os senhores são homens como deviam ser todos os homens... formidáveis são os senhores... e agora são arrancados de sua obra, em pleno florescimento.

Prov - Pelo que ouço, o senhor sabe de coisas... Acha mesmo que nossa queda é questão de dias?

Corn - (Com certa pena) Padre Provincial... os jesuítas estão perdidos.

Prov - Vejo que até o senhor pertence àqueles que nos julgam irremediavelmente perdidos. Mas o senhor me acredite. Fazem de tudo para que não possamos avançar. Mas ninguém vai conseguir nos

reter. Após cento e cinquenta anos de pregação, a Sociedade de Jesus passa ao ataque em regiões do Paraguai. (mostra o mapa) O Estado Sagrado se agiganta. Atravessa os rios, penetra nas florestas virgens e nos pampas inóspitos, até que o último índio seja conquistado para Cristo. É certo, um dia nosso Estado vai ruir. Mas a conquista já estará feita. Ela será repetida... daqui a séculos... até que chegue ao mundo aquela paz que os homens desejam.

Corn - (Despedindo-se) Que Deus guarde o senhor, padre Provincial e seu Estado...

Prov - Que chegue são e salvo a Roterdã, senhor Cornelis.

(Cornelis sai. O Provincial leva o dinheiro para dentro. Luz diminui. Música. Ao voltar a luz...)

CENA VIII

(Quando o Provincial está retornando, também entra Dom Miura, pelo outro lado)

Miura - Alfonso Fernandes!!!

Prov - Pedro de Miura!

(Abraçam-se)

Miur - (Recua um passo - Em tom oficial) Padre Provincial!

Prov - Senhor Visitador!

Miur - Devo transmitir-lhe lembranças de vosso pai, idoso, que vive em Toledo.

Prov - Meu pai... Agraceço-lhe, Dom Miura.

Miur - Seus dois irmãos servem no exército espanhol.

Prov - Separaram-se de mim. Boas-vindas, senhor Visitador.

Miur - Quantos anos, desde Salamanca, padre Provincial.

Prov - Vinte e quatro anos, Dom Miura. Mas, por favor, queira sentar-se, senhor Visitador.

Miur - (senta) Lembro-me do senhor como um jovem cheio de entusiasmo, padre Provincial. Eis-nos agora, aqui: aí o religioso e aqui o diplomata.

Prov - Seu entusiasmo não arrefeceu, Dom Miura.

Miur - Pelo Rei e pela Espanha.

Prov - Caminhos diversos os nossos... Eu vibro pela imitação de Cristo no Paraguai.

Miur - senhor Provincial, estou encarregado de proceder imediatamente a visita de inquérito.

Prov - Ótimo. Seremos gratos.

Miur - Terei que tomar decisões que não serão tão agradáveis nem para mim, nem para o senhor.

Prov - Queira executá-las, Dom Miura.

Miur - Vou examinar o que é justo e o que é injusto vou condenar. Mas terei que tomar as disposições. (Levanta-se) Eis a primeira ordem, padre Provincial: Ninguém poderá entrar e nem sair dos lugares onde ocorrerá o processo inquisitório.

Prov - Compreendo.

Miur - Neste caso isto significa o Colégio Jesuítico inteiro. Durante o processo ninguém poderá deixar esta casa.

Prov - Aceitamos humildemente todas as disposições.

Miur - A segunda ordem é a seguinte:

(É interrompido pela entrada esbaforida de Cornelis)

CENA IX

(Provincial, Miura e Cornelis)

Corn - Diabos! Infelizmente tenho que pedir-lhe hospitalidade, padre provincial. Os soldados deste senhor não deixam ninguém sair do Colégio e já se adonaram de tudo.

Prov - Sei disso, Cornelis. (para Miura) Apresento-lhe o senhor Cornelis, de Roterdã. Queira deixá-lo passar. Responsabilizo-me por ele.

Miur - Não posso. Seria contra as instruções reais.

Corn - V. Exa. está prendendo um cidadão da Holanda livre, compreende?

Miur - Responderei por isso.

Prov - Mas o senhor não está preso, senhor Cornelis.

Corn - Estou tão preso como o senhor, padre Provincial.

Prov - Como eu ?

Corn - Que dúvida. Como o senhor e como todos os padres do Colégio. Como é que se sente assim, prisioneiro do seu próprio Rei.

Prov - (rindo, incrédulo) Eu... preso...

Corn - Preso, sim senhor. Mas será que não percebeu que todos os jesuítas estão presos aqui?

Prov - (para Miura) O senhor considera o fechamento provisório dos

Colégios como ordem de prisão, Dom Miura ?

Miur - (não responde; apenas se movimenta sem falar)

Prov - ... ou estamos de fato presos.

Miur - (polido) A segunda ordem que tenho diz textualmente: " Durante todo o tempo do processo o Visitador manterá os jesuítas em prisão preventiva."

Prov - (recua uns passos. Diante do mapa abre lentamente os braços como que para protegê-lo) Não... isto não... ch. Deus...

(A luz cai até sumir-se)

CENA X

(No fundo começam a aparecer cenas do filme, mostrando a exuberância da época jesuítica. Não suas ruínas, mas o que de melhor se poderá colher dando mostras do brilho e riqueza das Reduções)

Voz2 - Seu dever era ajuntar material de acusação. Onde estão as provas dos tesouros escondidos? Onde estão os mapas das minas de ouro? Onde estão as moedas com a inscrição " Nicolau Nianguiru, Rei do Paraguai" ? Queremos testemunhos claros de que os Padres aqui exercem regime tirânico, de que são infiéis a Sua Majestade o Rei da Espanha. Onde estão estes documentos?

Voz3 - Aí está o material. Viajei meses para trazer isto e muito mais. Já em Candelária carreguei um burro. Em San Tomé já precisei mais um burro. Depois, em São Miguel, São João e Santo Ângelo mais um burro para trazer este acervo. Em São Francisco de Borja...

Voz2 - Já sei... Um quarto burro que deve ser você mesmo. Este acervo de estátuas e porcerias não servem para nada. Que provas são estas contra os jesuítas? E os depoimentos dos caciques e corregedores? De que adiantam?

Voz3 - Cumpri com o meu dever. Estão aí depoimentos de duas mil pessoas. O que dizem? Queriam depoimentos? Leiam estas duas mil folhas ou viajem como eu viajei.

Voz 2 - Você ainda quer brincar com isto?

Voz3 - (Irritada) Brincar? Ora, se querem derrubar o Estado dos Jesuítas

tar é só tirar o decreto do bolso e estará tudo acabado. Para que depoimentos? Para que processos e inquéritos? O que é que tem este Estado Sagrado que alguém possa se interessar? Erva-mate, trigo, algodão e algumas igrejas? Os cento e cinquenta mil índios são escravos talhados e nada mais... Uma pequena guerra e a questão estará resolvida.

Voz2 - É que justamente não deve haver guerra, o senhor compreende? Diante do mundo tudo deve parecer legal, para que ninguém pense em resistir. Temos que provar que os Jesuítas são infiéis ao Rei, que possuem minas de ouro e prata e sonegam os impostos disso, que escravizam os índios e que nós somos os libertadores.

Voz3 - Isso não se prova, simplesmente porque isso não é verdade.

Voz2 - Tem que ser verdade, não entende? Temos que prová-lo.

Voz3 - Mas para que encanar? Os soldados acabarão com este Estado num dia.

Voz2 - (Gritado) Mas precisamos provar, não entende? Provar...

(A tela escurece e ilumina-se o palco)

CENA XI

(Na sala estará Dom Miura, Provincial e Quirini)

Miur - (Sentado, com muitos depoimentos em sua frente) O senhor Quirini, tenha a bondade. (aponta a cadeira)

Quir - Pelas aparências, o senhor Visitador pretende implicar-me no processo dos Padres. Eu não quero isto.

Miur - Lastimo, senhor Quirini, ter-lhe cercado a liberdade.

Quir - Naturalmente, curvo-me diante das suas determinações. Apenas, se me permite, quero manifestar-me estranho à detenção de viajantes e estrangeiros.

Miur - Sinto muito, senhor Quirini, mas só executo ordens.

Quir - Também costumo executar ordens.

Miur - (Impaciente) Não quero obrigá-lo a assistir o processo. Mas terá que permanecer dentro do recinto do Colégio.

Prov - Para nós, os Padres, seria um favor se o senhor ficasse e ouvisse o processo de inquérito.

Quir - Talvez se apresentem assuntos que um estranho não deva ouvir.

Prov - Creio que o senhor se engana. Não temos nada a ocultar.

Quir - Neste caso, excelência, eu ficc. (Senta-se)

Miur - (De pé) Senhor padre Provincial, queira mandar entrar o relator e promotores, bem como as testemunhas. A partir deste momento está instaurada a sessão do processo contra os padres Jesuítas e seu Estado.

(Enquanto o padre Provincial está saindo as luzes vão diminuindo até escurecer total. Forte música toma conta de tudo e começa a aparecer na tela todas as ruínas que se poderá colher da obra jesuítica.)

(O inquérito todo será gravado junto à banda magnética do filme e as vozes deverá ser as mesmas do teatro.)

Miur - Padre Provincial, sabe Vossa Reverendíssima do que os acusam?

Prov - Acusam-nos de fundarmos um Estado soberano e de sermos infiéis a Sua Majestade o Rei. Acusam-nos de ocultarmos em nossas reduções minas de prata. Acusam-nos de tirarmos lucros excessivos de nossos negócios e assim prejudicarmos os interesses do reino. Acusam-nos, enfim, que tiramos a liberdade dos índios a nós confiados e os levamos a escravidão.

Miur - Havemos de examinar uma por estas acusações. Senhor Relator, é exato que os Jesuítas possuem um reino soberano?

Voz - Sim, excelência, é exato.

Miur - Padre Provincial.

Prov - Não temos um reino soberano.

Voz - Os jesuítas fazem o que bem entendem em suas Reduções, portanto, são soberanos.

Miur - Sem se desligarem da soberania espanhola ?

Voz - Sim, de fato... sem se desligarem.

Miur - Continuam, portanto, súditos de Sua Majestade ?

Voz - Sim, continuam súditos.

Miur - Neste caso não são soberanos.

Voz - É... neste caso é possível afirmar também que não são soberanos.

Miur - Senhor escrivão, queira assentar no protocolo: verificamos ser falsa a acusação que diz terem os jesuítas fundado um reino soberano.

(Música)

Miur - Passemos a segunda questão. Senhor Relator. É verdade que os jesuítas, no Paraguai, desobedecem ao Rei ?

Voz - Desobedecer? ... Sim... o quanto pude verificar não são lá muito obedientes ao Rei.

Miur - Devo lembrar ao senhor que estamos num inquérito. Desobedecem ou não ?

Voz - Não... não obedecem.

Miur - Padre Provincial !

Prov - Estamos nas mãos do Rei que nos protege e a quem prestamos obediência incondicional.

Miur - E se o Rei deixar de protegê-los ?

Prov - Ainda então seria nosso chefe supremo no domínio secular.

Miur - Quer dizer que obedecerão ao Rei em tudo o que ele mandar?

Prov - Contanto que não exija de nós o pecado.

Miur - Senhor escrivão, queira anotar: A segunda acusação também não parece justificada.

(Música)

Miur - Vamos continuar. É exato, senhor Relator, que nas Reduções dos Jesuítas se encontram minas de prata ?

Voz - Senhor Visitador... Penso que podemos afirmar, com consciência tranquila, que é muito provável que os jesuítas tenham em seu Estado alguma mina de prata.

Miur - Mas provar, o senhor pode provar ?

Voz - Quase... quase...

Miur - Padre Provincial!

Prov - Asseguro que no território de todas as Reduções não foi encontrado nem prata nem ouro, nem outro metal precioso.

Miur - (insistente) Senhor Relator, possui provas suficientemente claras sobre a existência de minas de prata em território jesuítico?

Voz - Não, excelência.

Miur - Então queira escrever, senhor Escrivão: até agora não houve a menor prova de que os jesuítas possuam minas de prata.

(Música)

Miur - Continuemos. Quanto a questão dos lucros excessivos que os padres tiram de seus negócios, acho uma acusação irrelevante, pelo que vamos passar a última. Os jesuítas são acusados de tolherem a liberdade dos índios a eles confiados e de os levarem a escravidão. Que tem a dizer sobre isso, senhor Relator?

Voz - Todo o Estado Sagrado... digo Jesuítico, é governado por 100

jesuítas. 100 padres mandam em 150.000 índios. A Redução de Candelária possui 7.000 índios que são governados por dois padres. A de São Miguel possui 6.000 índios e também são governados por dois padres jesuítas. Trinta Reduções, sessenta padres. O resto dos padres estão em Assuncion e Buenos Aires de onde dominam o Estado. Nas Reduções, os padres são tudo: funcionários, juizes, inspetores, professores e comandantes. O índio não goza de liberdade e quem não goza de liberdade é escravo. Todos os índios das Reduções são escravos. Os jesuítas instituíram o reino da tirania e escravidão.

Miur - Padre Provincial !

Prov - É verdade que sempre dois padres mandam em diversos milhares de índios. É verdade que nós temos que cuidar também das coisas materiais dos índios, ao lado do bem espiritual. Eles não são capazes de controlar suas economias. Se não distribuirmos as sementes, eles as comem. Se não repartirmos a carne, eles charqueiam todos os bois em pouco tempo. Foi a necessidade que nos levou a ser tudo para todos: artífices, funcionários, cultivadores e juizes. De nossas mãos o povo recebe tudo que lhes é necessário para seu bem material e espiritual. É assim que nosso domínio absoluto se distingue de muitos outros governos ditatoriais.

Miur - O senhor quer dizer que quem domina escravos é o governo que o acusa ?

Prov - Eu não disse isso.

Miur - É possível. Talvez eu apenas tenha pensado. Senhor Escrivão, queira assentar: segundo as declarações do padre Provincial, não é exato que os índios sejam tratados como escravos.

(Núscia)

Miur - Quer parecer-me que todas as acusações acima mencionadas carecem de provas. Não estou disposto a praticar injustiças, nem servir de instrumento a elas. Queira, pois, confirmar, padre Provincial, que procedi com imparcialidade no inquérito.

Prov - Vossa Excelência procedeu com imparcialidade exemplar.

Miur - Não seria, no entanto, justo se eu não escutasas as pessoas responsáveis por tais acusações que se levantaram contra os senhores. Senhor Bispo de Buenos Aires.

VozB - As suas ordens, senhor Visitador.

Miur - Excelentíssimo senhor bispo, o senhor está diante de uma comissão de inquérito real. Queira, pois, responder somente a verdade. Quais são as queixas e reclamações que levanta contra a Companhia de Jesus no Paraguai?

VozB - A Companhia de Jesus sofreu, no Paraguai, uma transformação comprometedora. Abusam do poder espiritual e exercem um governo ilimitado sobre os índios. Proíbem a estes pobres seres humanos a aprender o espanhol e, o que é pior, proíbem os espanhóis falarem com os índios sob seu domínio. E a nós, não jesuítas, proíbem a entrada em território de seu Estado e nos tratam como padres perigosos a seus interesses. E como se isso não bastasse, negam a jurisdição do Bispo e do alto clero sobre a região. E foi abusando scilicet dos confesores do reino que conseguiram privilégios da coroa que hoje somente irritam a nobreza espanhola. Nós, os padres seculares, nunca tivemos tais privilégios, mas é a nós que chegam os nobres espanhóis, comerciantes e fazendeiros, e queixarem-se da arrogância com que são tratados pelos padres jesuítas. Ao bispo, no entanto, está proibido averiguar pessoalmente tais acusações pois o padre Provincial interditou nossa entrada em todas as trinta e quatro reduções.

Miur - Padre Provincial!

Prov - Infelizmente foi impossível dar a Sua Excelência a permissão de entrar em nossas Reduções. É que o senhor Bispo impõe condições que não poderíamos aceitar.

Miur - E quais foram estas condições ?

Prov - De fazerem-se acompanhar por cem nobres espanhóis, comerciantes e fazendeiros. Queiam espionar-nos. Não fosse isto, teríamos permitido com todo prazer a entrada do senhor Bispo, embora não tenhamos que prestar contas de nosso trabalho missionário ao clero secular.

Miur - E Por que impõe tais condições, Excelência ?

VozB - Seria presunção demais querer entrar só em companhia de padres. Os jesuítas do reino dariam um jeito de me chamarem de volta para a Espanha... Isto seria meu fim. Mas, senhor Visitador, quero abrir-lhe os olhos para aquilo que os jesuítas fizeram de nossa Santa Religião nas Reduções. Profanaram o sacerdócio

e carregaram-no de todo o peso de um governo de
pretexto de Cristo, criaram um Estado oferecendo uma utopia,
onde o índio é enganado com abundância gratuita de alimentos e
roupas, despreocupação e segurança.

Miur - Nada mais a declarar ?

VozB - Isto é bastante.

Miur - Passemos ao representante dos fazendeiros e comerciantes.

VozC - Estou às suas ordens, senhor Visitador. Meu nome é Bustillos.

Miur - Senhor Bustillos, isto é um tribunal de inquérito. Portanto,
queira dizer somente a verdade. Quantos índios tem, o senhor, em
sua fazenda?

VozC - Seiscentos.

Miur - Foram batizados ?

VozC - Foram. Todos são católicos ortodoxos, como eu.

Miur - E por que fogem para as Reduções, se o regime jesuítico é mais
severo?

VozC - Porque os padres fazem propaganda mentirosa do Estado deles. En-
viam por todos os lugares, pessoas treinadas por eles e estas
pessoas convencem os índios a fugirem. Quantas vezes fiquei sem
mão-de-obra em plena colheita. Não está longe o dia em que nós,
nobres espanhóis, tenhamos que tomar a foice e a enxada. E, um
pouco mais, deixando os padres agirem sossegados em seus planos,
nós, os espanhóis, que pagamos impostos e lutamos pelo Rei, se-
remos expulsos enquanto os jesuítaserguem em todo o Paraguai o
Estado Sagrado, cheio de índios satisfeitos, mas pobres, prontos
a morrerem pelos seus deuses, os padres.

Miur - É só ?

VozC - É só, mas gostaria que ouvisse os senhores Queseda e Catalde,
dois comerciantes de Buenos Aires.

Miur - Fala senhor Queseda.

VozQ - Sou comerciante exportador, Excelência. É com dificuldades que
plantamos o mate. Os índios são preguiçosos e só pensam em co-
mer. Mas isto não é nada perto da concorrência desleal dos je-
suítas, que nos roubam toda a clientela. Nós pagamos impostos
ao Rei, mas eles não pagam nada. Desta forma, estamos sem cli-
entes, sem lucros e o reino sem impostos. Como se isto não bas-
tasse, os jesuítas ainda recebem subvenções do reino. Sabemos
bem disso, Excelência. Dois terços dos latifúndios do reino per-

tencem à Igreja e aos mosteiros. Os padres vivem na fartura e o pobre povo passa fome.

Miur - Senhor Catalde.

VozT - Excelência, também sou comerciante. Fui soldado do reino e entendo de assuntos militares. Prezaria muito se Vossa Excelência interrogasse o padre Provincial sobre o armamento no Estado Jesuítico. Se o senhor pensa que eles acreditam apenas no Senhor Deus, está muito enganado. Os jesuítas possuem um exército aguerrido, fabricam munição e em seu depósito há armas acima do necessário. Vivem elaborando planos de defesa, Vossa Excelência, compreende.. no momento oportuno eles é que vão decidir quem os atacou.

Prov - Senhor Visitador, se permite respondo isto imediata...

Miur - Queira acalmar-se, senhor padre. Alguma coisa a mais, senhor Catalde ?

VozT - É só.

Miur - Pelo que acabei de ouvir, padre Provincial, seu Estado sempre cresce mais e mais?

Prov - Sempre mais. Mas jamais...

Miur - (nervoso) E porque não fazem, os senhores, como os missionários de outras ordens, que passam de lugar em lugar ? Batizando e pregando, sem se preocuparem com o resto? Por que fundam um Estado e o desenvolvem no poder temporal? O que é que ocultem nessa política, senhor padre Provincial ?

Prov - Nós não desenvolvemos o governo temporal. O Estado, como tal, é indiferente para nós. Mas, no Paraguai, como nas margens do rio Uruguai e Paraná, tivemos que agir assim.

Miur - E não havia outra possibilidade ?

Prov - O cristianismo dos índios desaparece quando convivem com os cristãos espanhóis ou portugueses.

Miur - Mas ninguém obriga os índios a viverem com cristãos espanhóis ou portugueses. Podem permanecer nas selvas ou nos pampas.

Prov - É que não deixaram os índios nas suas selvas e pampas. Foram caçados, presos e reduzidos a escravos.

Miur - Quem fez isto ?

Prov - Cristãos.

Miur - Parece que entendi. Quer dizer que nas Reduções os índios estavam livres dos caçadores humanos?

Prov - É por isto também que temos armas.

Miur - Compreendo. E agora uma pergunta muito importante. Que aconteceria aos índios se tirássemos as Reduções dos jesuítas e as déssemos a outros padres, não jesuítas ? O Deus de vocês é outro ?

Prov - E quem cuidaria das outras coisas ? Os índios se habituaram a nós. Nós pensamos por eles. De nossas mãos recebem o pão, de nossas mãos recebem o prêmio e o castigo. Não creio que obedeceriam a outros religiosos.

Miur - De certa maneira os jesuítas são insubstituíveis ?

Prov - Ouso confessá-lo, com toda humildade: no Paraguai, para maior glória de Deus, nós, os jesuítas, somos insubstituíveis.

Miur - Escreva isto, senhor escrivão... " Os jesuítas declaram-se insubstituíveis, no Paraguai."

(A tela escurece. Aqui pode haver um intervalo)

CENA XII

(Miura, Provincial, Oroz, Quirini e Cornelis)

Miur - (Em atitude de inquérito, ainda.) Cornelis, o senhor é um cidadão holandês, não posso obrigá-lo a depor.

Corn - Não é preciso obrigar. Quero lembrar apenas que estou aqui contra a minha vontade. Vou queixar-me ao embaixador holandês em Madrid.

Miur - Cornelis, porque o senhor compra a erva-mate dos jesuítas, quando podia recebê-la mais barata dos comerciantes espanhóis ?

Corn - Mais barata, mas completamente podre. O senhor não conhece esta erva. Ela é misteriosa. Só é boa quando colhida sem ganância, diabo. Colhida de coração, a erva dá muito boa. Os jesuítas sim, e mesmo os índios, trabalham com gosto neste Estado. Estranho, né Excelência ?

Miur - Contaram-me que os índios são preguiçosos

Corn - Pois é. Como escravos, debaixo do chicote, são preguiçosos mesmo e se revoltam. Mas nas Reduções, onde não usam o chicote e onde trabalham só seis horas por dia, com comida, música e reza à vontade, os índios deixam de ser preguiçosos.

Miur - O senhor viajou pelas Reduções, senhor Cornelis ?

Corn - Por quase todas elas. Com uma permissão do padre Provincial. Sem

esta permissão , ninguém pode entrar no Estado Sagrado, sobretudo os cristãos espanhóis. Estranho, né, Excelência ?

Quir - Excelência ?

Miur - Pois não, senhor Quirini.

Quir - Permite-me fazer uma pergunta à testemunha, Dom Miura ?

Miur - Evidente. Tenha a bondade, senhor Quirini.

Quir - O senhor é calvinista, senhor Cornelis ?

Corn - É, sou um herege... e gosto dos jesuítas. Paradoxo, não ? Mas nem mesmo o depoimento de um herege pode prejudicar esses homens. Mais uma pergunta ?

Quir - Não, era só.

Miur - O senhor afirmou, se entendi bem, que para uma mesma quantidade de erva-mate dos jesuítas o senhor pagava mais do que a erva dos espanhóis ?

Corn - A diferença do gosto se percebe no mundo inteiro. Uma é plantada com amor, outra adubada com ódio. O senhor já experimentou a erva-mate de Santo Ângelo Custódio ?

Miur - Agradeço-lhe as declarações, senhor Cornelis. Lamento ter que pedir que permaneça ainda no Colégio.

Corn - O bispo, os comerciantes e fazendeiros puderam sair. Por que é que segura a mim, um cidadão holandês ?

Miur - Um pouco de paciência, Cornelis.

Corn - Lá embaixo as coisas estão ficando pretas. Os índios dos padres cheiraram o que o senhor pretende aqui. Eu não quero virar carne espetada naquelas lanças. Deixe-me sair.

Miur - Meus soldados impedirão qualquer revolta. Aqui o senhor está seguro.

Corn - Não sei... não sei... (Retira-se)

GENA XIII

(Os mesmos menos Cornelis)

Miur - Padre Cros ?

Cros - Excelência.

Miur - Qual é sua função nas Reduções ?

Cros - Fui oficial do reino. Pela minha experiência militar, confiaram a segurança da região contra assaltantes e depredações. Dirijo as operações militares. Temos que estar sempre prontos ao apelo do

Rei.

Miur - O senhor já lutou pela Espanha com seus índios ?

Oros - Desde que o Rei nos concedeu o privilégio do armamento, já nos batemos pelo Rei quarenta vezes, em expedições maiores ou menores.

Miur - Seus índios são soldados valentes ?

Oros - Nós os jesuítas transformamos os bandos selvagens em regimentos disciplinados. Podemos apresentar em qualquer hora uma tropa de combate, às ordens de sua Majestade.

Miur - Como está organizado seu exército ?

Oros - Cada Redução fornece ao menos dois regimentos. Ao todo, pois, sessenta regimentos: infantaria, cavalaria e artilharia. Tudo somado, trinta mil homens.

Miur - Os senhores possuem armas?

Oros - Fundimos canhões.

Miur - E munições ?

Oros - Algumas Reduções fabricam pólvora e outras armas. Nossos depósitos bastam, no momento, para suprirem todo o exército.

Miur - A Espanha não tem inimigos, agora, no Paraguai. O exército poderia ser reduzido?

Oros - O privilégio real nos permite a formação de um exército. Aceitamos o privilégio.

Miur - O privilégio é velho,.. data de Felipe V. No reino, alguns fidalgos temem que, algum dia os senhores poderiam deixar da defesa e passar ao ataque.

Oros - Isto não é sério. Atacar a quem ?

Miur - Não fui muito claro. Quero dizer que... seus índios poderiam, um dia, tornarem-se independentes.

Oros - Impossível. Nosso exército é disciplinado e só obedece aos superiores, os padres.

Miur - E se o senhor ordenasse aos índios que depusessem as armas.

Oros - Deporiam na hora.

Miur - E quem poderia dar essa ordem geral?

Oros - O Reverendo padre Provincial.

Miur - E o padre Provincial obedece a quem?

Oros - A Sua Majestade o Rei e ao Geral da Ordem.

Miur - Suponhamos que os portugueses atacassem hoje. Seu exército então se põe em movimento?

Oros - Com toda a certeza.

Miur - O senhor tem o comando do exército?

Oros - Como militar sou o chefe.

Miur - Quem dá a ordem de marchar?

Oros - O padre Provincial.

Miur - Padre Provindial.

Prov - Confirmo tudo o que o padre Oros acaba de depor. Hoje nenhum bandido escapa impune se vier perturbar nossa obra pacífica.

Miur - Efetivamente, trinta mil homens, soldados disciplinados, inspiram respeito. Aqui na América ninguém ousaria enfrentá-los. Este Estado Sagrado assumiu proporções no mundo. (para Oros) Onde o senhor serviu antes de ingressar na Companhia de Jesus?

Oros - Em Toledo.

Miur - Obrigado, padre Oros. A audiência está encerrada. Mas, antes, preciso falar em particular com o padre Provincial. Queiram pois retirarem-se os senhores.

(Oros e Quirini saem)

CENA IV

(Provincial e Miura)

Miur - É evidente que as acusações contra os senhores são falsas.

Prov - Nunca duvidei de sua inteligência insubornável.

Miur - Os senhores não desobedecem ao Rei.

Prov - Nunca desobedecemos.

Miur - Os senhores não escrevizam os índios.

Prov - Ouso afirmar que nosso Estado é um dos poucos do mundo que não se baseiam no princípio da opressão.

Miur - Os senhores não tiram lucros excessivos em seus negócios.

Prov - Mesmo o herege Cornelis confirmou isto.

Miur - Os senhores não possuem minas de prata e nem quantos riquezas.

Prov - Provamos que nem o dinheiro nem o ouro fazem parte da felicidade de um povo.

Miur - Apesar disso tudo, as denúncias e acusações se repetem.

Prov - O senhor há de justificar-nos uma vez por todas perante o Rei.

Miur - (Pegando uma carta que tem sobre a mesa) Padre Provincial, tudo isto já é muito tarde. Os jesuítas estão condenados. A Espanha, cega e irrefletidamente deu ouvidos às acusações. Aqui

está o documento de condenação. Leia. (Passa-lhe a carta)

Prov - (Sem entender fica olhando Miura)

Miur - Queira ler a carta.

Prov - (Lendo) "Considerando que foi provado que os jesuítas do Paraguai tornaram-se infiéis à Coroa; considerando que, sob o pretexto de religião, instituíram a escravidão e tirania entre o meu povo indígena; considerando que se enriquecem, ocultando minas de prata; considerando que..." (Para Miura) considerando que foi provado... que foi provado ?

Miur - (Tira-lhe a carta das mãos e continua lendo com calma) ... ordeno, em virtude de meu supremo poder, que o Altíssimo depositou em minhas mãos, que todos os membros da Companhia de Jesus deverão abandonar a Província do Paraguai e que seus bens sejam confiscados. Dado em Buen Retiro, em 27 de fevereiro. Sob o meu xirógrafo. O Rei" (Torna a entregar a carta ao Provincial)

Prov - (Calmo) A sentença é inválida. O rei foi enganado.

Miur - (Concorde) O Rei foi enganado.

Prov - Que pretende Vossa Excelência fazer?

Miur - Não posso executar a sentença.

Prov - Vossa Excelência há de esclarecer ao Rei. Vossa Excelência é nosso salvador. A Providência Divina o designou para salvar nosso Estado.

Miur - Vou esclarecer ao Rei... Vou mostrar que isto não é verdade... Mas seu Estado... seu Estado vai ruir por terra assim mesmo.

Prov - Não entendo...

Miur - Seu Estado vai ruir por terra... é tudo muito tarde.

Prov - Nós estamos perdidos?

Miur - Os senhores, sim.

Prov - Vossa Excelência confirma que não praticamos injustiças e diz que estamos perdidos?

Miur - Injustiça. Nós todos somos injustos. Não há Estado neste mundo que não esteja carregado de injustiças clamorosas. Não é porém a injustiça que vai fazer seu Estado ruir. Coisa muito pior e mais grave pesa sobre vossas cabeças.

Prov - Mais grave ?

Miur - Sim... a de terem razão.

Prov - (Esperançoso) Temos razão?

Miur - E justamente por terem razão é que devem ser aniquilados. Aniquilados implacavelmente.

Prov - Mas... Vossa Excelência enlouqueceu?

Miur - Seria um louco se falasse de outra maneira. Veja aqui. (Mostra o mapa) O que fizeram deste país, nos pampas, nas matas virgens, onde nós nunca teríamos penetrado. Um reino de amor e justiça. Os senhores semeiam e colhem sem ganância; os índios cantam louvores aos padres e fogem dos nossos fazendeiros. Seus produtos conquistam o mundo e nossos comerciantes empobrecem. Junto aos senhores reina a paz e a abundância enquanto que na Espanha, a terra mãe, reina a miséria e a fome. Esta terra, que conquistamos com nosso sangue, os senhores a engrandecem... contra nós. Hoje, nós os poderosos, trememos diante do exemplo jesuítico. Enquanto conquistamos terras com guerras, os senhores dilatam as fronteiras pela paz. Nós despedaçamos... os senhores juntam. Amanhã terão trinta e cinco Reduções... e em alguns anos, setenta. Então serão trezentos mil índios... Quanto tempo levará para tomarem conta de todo o continente? E nós de braços cruzados? Tolo seria o Rei se não os expulsasse enquanto é tempo. Os senhores devem desaparecer. Em nome do mesmo Império que deu a permissão de tentarem aqui a obra da civilização, desapareçam. Acabem com esta conquista que já é muito perigosa para nós.

Prov - Esta conquista é sagrada. Quem a tocar estará pecando contra Deus.

Miur - Não queira falar em Deus quando estão em jogo os interesses políticos do Reino.

Prov - Vossa Excelência está blasfemando... Tenho que respeitá-lo como enviado do Rei... Que decide?

Miur - (Um pouco angustiado) Não posso executar a sentença... Seria fácil aos senhores provar que as acusações são falsas...

Prov - O que não impediria nessa destruição... segundo declarações de Vossa Excelência...

Miur - Aos olhos do mundo tudo deve parecer muito justo.

Prov - Que decide então?

Miur - A entrega das Reduções. O senhor mesmo deverá entregar as Reduções.

Prov - (Revoltado) Não há poder no mundo que me obrigue a entregar nos-

sas Reduções.

Miur - Tenho poderes suficientes para obrigá-lo, padre Provincial.

Prov - (Irritado) Obrigue-me, então.

Miur - Sua recusa traria junto a interdição de toda a Ordem em todo o Império Espanhol. Na França e em Portugal a Companhia de Jesus foi interdita. Se entregarem a Província do Paraguai, nós permitiremos que continuem livres na Espanha.

Prov - Isto é uma trapaça.

Miur - Para o bem do Reino, todos os meios são lícitos!

Prov - Só ao padre Geral compete decidir sobre os destinos da Província.

Miur - O Papa e o padre Geral prometeram investigação e jamais fizeram. Agora é tarde. Nós nos encarregaremos de notificar a eles a dissolução do Estado Jesuítico no Paraguai.

Prov - Trapaça.

Miur - O Paraguai... ou a Ordem, padre Provincial.

Prov - Deixe-me tempo para pensar...

Miur - Não posso dar tempo. Quero uma decisão agora.

GENA XV

(Os mesmos e Oros que entra precipitado)

Oros - Padre Provincial. Um boato espalhou o pânico entre nossos índios (A Miura) Seus soldados disseram que os senhores querem tomar nosso Estado à força.

Miur - Isto é mentira, padre Provincial.

Prov - (Cabeça baixa, calado)

Oros - Padre, faça alguma coisa, dê alguma ordem. Nossos índios desarmaram os soldados espanhóis. Eles vão nos acusar de rebeldes.

Prov - (Continua calado)

Miur - Responda, padre Provincial.

Prov - (Calmo) É verdade, padre Oros. Querem destruir, covardemente, o Estado Sagrado.

Oros - Destruir?... aguardo a ordem de opor resistência, padre Provincial.

Miur - Reflita, Alfonso Fernandes. Aqui só há um direito que vale: o do Rei.

Prov - Aqui vale apenas um direito: o direito de Deus. E em nome deste direito, Dom Pedro de Miura, o senhor é nosso prisioneiro. Pa-

dre Oros, o senhor é responsável pela segurança do Visitador.
Oros - Excelência, queira entregar sua espada.

Miur - (Com a mão sobre a espada, espera um momento e depois entrega)
E os senhores ainda se dizem inocentes...

(A luz se apaga. Música.)

CENA XVI

(Ao iluminar-se o palco o Provincial está sentado em sua escrivaninha. Diante dele, Oros e mais atrás, Cornelis e Quirini)

Prov - (Lê, como se tivesse escrito a carta para todos os padres)
" Padres das Reduções do Paraguai, Paraná e Uruguai. Todos nós, súbditos de Sua Majestade Católica, tivemos que opor-nos, com grande dor, a pessoas que obtiveram plenos poderes do Rei, usando mentiras. Tenho em mãos o decreto que arrancaram ao Rei com calúnias lançadas contra nós, inocentes. É mais do que um ataque à Reduções; é um crime contra Sua Majestade, O Rei Católico. Neste caso, a nossa resistência é ditada pela religião. A calúnia, a baixeza e a mentira querem tomar nosso lugar, nós que odiamos a calúnia, a baixeza e a mentira. Seríamos cúmplices da boca de Deus, se hesitássemos em revoltarmos-nos. Temos que reconhecer: Deus exige de nós uma confissão pública, para não ouvirmos um dia de sua própria boca a condenação por nossa infidelidade pelas Missões. Mantenham calmos os índios, por ora. Só os padres da Companhia de Jesus vão decidir sua sorte."
(a Oros) Padre Oros, reúne todos os espanhóis na Casa de Retiros. Vamos ouvi-los lá e procurarmos restabelecer a verdade.

Oros - Imediatamente. (Sai)

Corn - (Entusiasmado) Meus cumprimentos, padre Provincial. Jamais teria imaginado. Esta sua atitude é quase...

Prov - Então, senhor Cornelis...

Corn - É quase uma maravilha. Pena que o senhor não seja um calvinista. Vou vez o movimento lá fora. (Sai)

Prov - Senhor Quirini, vamos... (Faz menção de sair)

Quir - Pela graça e o amor de Cristo nosso Senhor, ouça-me um instante, padre Provincial.

Prov - (Para como que assustado) Pela graça e o amor de Cristo nosso

Senhor?...

- Quir - Sim, senhor... Pela graça e o amor de Cristo nosso Senhor.
- Prov - Mas, certamente, excelência, queira sentar-se. (Mostra uma cadeira diante de sua escrivaninha.)
- Quir - (Suave) Agradeço... no entanto, não aqui.
- Prov - Gostaria de acompanhar-me até a Casa de Retiros?
- Quir - Lastimo, terei que abandonar o Colégio daqui a pouco... pretendo queira ter a bondade ...
- Prov - Como não...
- Quir - ...e a delicadeza de assentar-se aqui. (Mostra a cadeira em frente à escrivaninha.)
- Prov - (Sem compreender) Como?
- Quir - (Quirini dirige-se e assenta-se no lugar destinado ao Provincial) Por favor, queira assentar-se.
- Prov - (Sempre em pé e sem compreender) Quem é o senhor ?
- Quir - (Sentado, fala calmo) O menor servo de todos os servos em nome da Companhia de Jesus.
- Prov - (Atônito) Quem é... o senhor?
- Quir - Um humilde servo da Companhia de Jesus, repito.
- Prov - Não posso acreditar; o senhor não é um jesuíta.
- Quir - Nosso muito reverendo padre Geral achou conveniente enviar seu representante neste disfarce.
- Prov - O senhor é o legado do padre Geral ? Louvado seja Deus que o enviou neste momento de perigo.
- Quir - Momento de perigo... (Entrega as credenciais ao Provincial) Eis minhas credenciais.
- Prov - (Senta-se para ler. Depois, levanta-se) Senhor legado, humildemente peço as suas ordens.
- Quir - (Em pé) Aqui estou em lugar do padre Geral. O senhor sabe disso e o que isso significa.
- Prov - A quem devo obediência como a um pai.
- Quir - (Severo) O tempo urge. Por isso ordeno que devolva imediatamente os poderes ao Visitador espanhol.
- Prov - Senhor legado... o senhor mesmo foi testemunha da violência que nos fizeram.
- Quir - (Ríspido) E não permitirei que nós mesmos usemos da violência.
- Prov - O Visitador nos obrigou a tal atitude.
- Quir - Não estou justificando o Visitador.

- Prov - Os aventureiros e traficantes de escravos são nossos inimigos.
- Quir - Eu sei muito bem disso.
- Prov - O Rei foi enganado e iludido por esta gente.
- Quir - Isto não vem ao caso.
- Prov - (Mostra, irritado, a sentença) Jamais o Rei teria assinado tal sentença se tivesse conhecido os móveis infames.
- Quir - (Misterioso) Seria pena. O decreto do Rei favorece nossos planos.
- Prov - O senhor não vê então a culpa imensa que pesa sobre o Visitador?
- Quir - (Irritado) E a nossa culpa?! Não vê a grande culpa que pesa sobre nós, no Paraguai?
- Prov - (Abalado) Não compreendo, padre...
- Quir - Não compreende o que fizemos com os índios? que esperam um reino de proteção e fartura que jamais poderemos dar? Não vê o índio já espera a independência nacional, momento então que toda nossa obra estaria perdida?
- Prov - O senhor toma partido da violência, então?
- Quir - Certamente que sim, se assim me interpreta. É assim mesmo. Nosso lugar não é nas selvas e nos pampas; é junto aos poderosos, para implantar nos corações dos tiranos e potentes as virtudes cristãs. Temos que conhecer os nossos limites. Eles foram esquecidos aqui no Paraguai. Mas ainda não é tarde demais. Temos que fazer o grande sacrifício: a retirada da Companhia de Jesus de todo o Paraguai.
- Prov - Com isto sacrificamos as almas de centenas de milhares de índios cristãos.
- Quir - Até mesmo este sacrifício deve ser feito para a maior glória de Deus.
- Prov - O senhor então recusa a vinda a Cristo dos milhares de índios ainda pagãos?
- Quir - Não queremos esta espécie de cristãos que consideram nossa santa religião como proteção, alimento, garantia, direção benévola e justa. Deus não é político e o que fizemos aqui foi política. E esta política hoje se volta contra os príncipes cristãos da Europa, de quem éramos a guarda-avançada. Hoje eles nos consideram seus adversários. Perseguem nossos padres com seu ódio. E este ódio há de trazer grande desgraça à Ordem de Jesus se

não abandonarmos imediatamente o Paraguai.

- Prov - Jamais poderemos salvar as almas se entregarmos os índios indefesos à tirania. Nossa posição deve ser inequívoca, ao lado dos miseráveis e oprimidos.
- Quir - É exatamente o que não devemos fazer. Seria imprudente e prejudicial à nossa santa religião. Somos apenas instrumentos nas mãos do Santo Padre e Papa.
- Prov - Sua Santidade conhece nosso esforço e os resultados.
- Quir - Mas não gosta. Padre, o senhor é um Provincial e não é preciso repetir-lhe o sentido do voto de obediência. O senhor tem que cumprir a minha ordem e o decreto do Rei.
- Prov - (Humilde) Não queira exigir isto de mim, suplico humildemente. Examine mais uma vez a questão. Eu obedeço, estou pronto a cumprir tudo o que me ordenar, mas rogo instantemente; tenha piedade dos cento e cinquenta mil índios. Não os entregue, com uma só palavra, aos traficantes de escravos e exploradores.
- Quir - (Irritado) Falo da vida e morte da Ordem dos Jesuítas e o senhor fala de cento e cinquenta mil índios miseráveis ?
- Prov - Visite as Reduções, examine nossos trabalhos, convença-se e revele-se ao Visitador.
- Quir - Recobi ordens de permanecer incógnito. Nenhuma palavra sobre o que faço e quem sou. A ninguém.
- Prov - (Depois de hesitar) Tire-me o cargo de Provincial. Não posso fazer o que me ordena.
- Quir - O que é que um jesuíta não pode ? (Mansa, depois de pausa) Portanto, o Provincial da Província do Paraguai mudou de idéia: obedecerá ao Visitador do Rei e pedirá um castigo pela sua revolta.
- Prov - (Desesperado) Não me dê tal ordem. Suplico de joelhos...
- Quir - Responda: minha ordem lhe parece justa ?
- Prov - (De joelhos, calado e aniquilado)
- Quir - Responda.
- Prov - (Como acima)
- Quir - Oh! Enganei-me. Desculpe. Estou falando com a pessoa errada. O senhor não é o padre Provincial do Paraguai... o senhor não é um jesuíta...
- Prov - (Terrível) Oh! Não... Acho boa e justa a sua ordem... Com todas as forças vou cumpri-la. Quero ser apenas um instrumento da Com-

panhia de Jesus, sem vontade própria.

Quir - Que a graça e o amor de Cristo nosso Senhor Ihs sirva sempre de auxílio e salvação.

Oros - (Entra para falar com o Provincial)

Quir - (Disfarçando) Obrigado por sua hospitalidade, padre Provincial.
(Abraça o padre Provincial que permanece impassível)

Prov - (Murmurando) Adeus, senhor Quirini.

Quir - (Retira-se)

CENA XVIII

(Provincial e Oros)

Oros - A assembléa o espera, padre Provincial.

Prov - Sei, a assembléa espera por mim...

Oros - Devemos contar com uma luta encarnigada em torno do Colégio.

Prov - Devemos contar...

Oros - Os fazendeiros estão armando seus bandos contra nós.

Prov - (Estranho) É bem provável que até lá muita coisa tenha mudado.

Oros - Estou convencido disso. Nossos índios são soldados disciplinados e venceremos em toda linha.

Prov - ...em toda linha...

Oros - Eu temo uma derrota aqui no Colégio... mas fora dele...

Prov - O senhor julga que algum espanhol consiga escapar do Colégio?

Oros - Impossível. Nossa guarda domina todas as entradas e saídas.

Prov - Padre Oros, tenho de falar novamente ao Visitador. E a sós. Ele não há de fugir.

Oros - Não poderá. Trago-te o Visitador.

Prov - É possível que muita coisa mude. Tenho a confiança de meus súditos, não é padre Oros ?

Oros - Padre Provincial, o senhor manda. Nós obedecemos.

Prov - Tenho a sua confiança, padre Oros ?

Oros - Obedeço mais ao senhor que a mim próprio. Mas por que tais...

Prov - O senhor tem confiança em mim, como religioso ?

Oros - Mais do que em mim próprio, padre Provincial.

Prov - Obrigado. Vá e procure acalmar a assembléa. Preciso falar com o Visitador, nesse prisioneiro.

Oros - (Sai, intrigado)

Prov - (Dirige-se a mesa e escreve uma carta rapidamente.)

CENA XLX

(Entra Miura, abatido)

- Miur - Estamos em seu poder. O senhor triunfa. Dispensamos o processo.
Mas bem logo vai sentir o que significa insurgir-se contra nós.
- Prov - (Calmo) Não nos revoltamos. Refletimos melhor.
- Miur - O senhor é o único culpado da revolta. Somos seus prisioneiros.
- Prov - Aceito a responsabilidade.
- Miur - Em breve verá como será pesada esta responsabilidade.
- Prov - Sei disso. Por isso mandei chamá-lo. Eu me entrego.
- Miur - Se entregue? (Ri) Sou seu prisioneiro, como quer entregar-se?
- Prov - (Dá-lhe a carta que estava escrevendo) Tenha a bondade de ler.
- Miur - (Lendo) Isto significa...
- Prov - Que me entrego em suas mãos. Sou seu prisioneiro. Refleti melhor.
Cometi um erro imperdoável. Reconheço publicamente que o Visi-
tador do Rei agiu dentro de seu direito. Mas meu reconhecimento
não desculpa nossa revolta. Peço punição para mim.
- Miur - Não compreendo...
- Prov - Proclame minha rendição na assembléia, na Casa de Retiros. Os
padres e os caciques indígenas vão compreender.
- Miur - Compreender ? Vão matar-me imediatamente se eu ler esta procla-
ção na assembléia.
- Prov - É uma proclamação do Provincial da Ordem e ninguém pode objetar
uma só palavra. Traga-me aquele que não aceitar e verá como é
a concepção de obediência em nosso Estado.
- Miur - Mas... estamos em seu poder. Com um único regimento os senhores
podem liquidar os meus soldados e, antes que cheguem reforços
para mim poderão se armar para uma longa guerra...
- Prov - Não queremos guerra.
- Miur - Ah! Ficou com medo...
- Prov - Sim... temos medo...
- Miur - E por isso se entregam ?
- Prov - Entregamo-nos a nossos próprios prisioneiros.
- Miur - Algo muito superior o fez agir assim.
- Prov - Foi depois de uma reflexão demorada e profunda.
- Miur - De fato, não entendo... O senhor mantém esta proclamação ?
- Prov - Ela foi escrita por mim. Vou mantê-la, custe o que custar.
- Miur - É uma solução que me favorece. Sua gente não vai aceitar!

Prov - Não tema, excelência. Conseguiu seus objetivos.

Miur - Que gente estranha, os senhores... Primeiro defendem seu povo a ponto de impor respeito ao meu exército. Depois... esta proclamação me favorece inteiramente. Estou satisfeito. (Vai sair)

Prov - Os fazendeiros e comerciantes vão louvar o senhor...

Miur - (Volta-se) É... mas, em si... é uma pena... (Sai)

Prov - (só) Meu Deus... (ajoelha-se) Por que que tem que ser assim... Por que...

(A luz diminui até escurecer. Quando volta a luz, Provincial está sentado na sua escrivaninha e Cros em sua frente.)

CENA XIX a

(Provincial e Cros)

Prov - Queira repetir a ordem que deve transmitir ao padre Hunder.

Cros - Ele deve entregar ao Visitador todas as instalações que existem em nosso Estado, Ainda o padre Hunder é responsável pela boa harmonia entre os soldados espanhóis e nossos índios. Mas, senhor Provincial, permita-me...

Prov - (Corta) Repita agora a ordem que deve transmitir ao padre Clarke.

Cros - Ele deve entregar aos espanhóis uma lista com todas as nossas provisões, matéria-prima e fabricações. Deve explicar aos espanhóis toda a estrutura econômica de nosso Estado, sem ocultar nada. Mas senhor padre, eu não posso...

Prov - (Corta) Agora repita a ordem que dei para o senhor.

Cros - Antes de repetir a ordem, peço com toda a humildade que me revele a causa de tão triste mudança de atitude...

Prov - Repita a minha ordem, eu disse.

Cros - Pelo amor de Deus, precisamos de uma explicação. Não vou executar uma ordem como a que me deu sem antes saber o motivo de tão repentina mudança.

Prov - Padre Cros, não queira que eu lhe lembre o voto de obediência. Qual a ordem que lhe dei?

Cros - (Abatido) Devo desarmar os nossos exércitos, em todas as Reduções. Devo entregar aos espanhóis todas as nossas armas, munições e apetrechos de guerra. (Violento) Padre Provincial?!

Prov - É só. Vejo que entendeu bem minhas ordens.

(Fora se ouve ruídos e gritos de guerra)

CENA XXI

(Os mesmos mais os caciques Acatá e Barri)

Acat -- (Entra com Barri repentinamente) Que está acontecendo ? Estava aguardando ordens de guerra.

Barri -- Os soldados espanhóis tomaram conta da Casa de Retiros. E guerra.

Prov -- Os senhores querem obedecer?

Todos-- Obedecemos.

Prov -- Em humildade ?

Todos-- Como sempre, em humildade.

Prov -- (Com voz embargada) Ajoelhem-se. Ordeno que se dispersem. Ordeno que voltem às suas Reduções e obedeçam aos espanhóis que entrarem em nosso lugar. A partir de agora seus superiores serão os espanhóis. Nós, os padres jesuítas devemos abandonar o Paraguai para servir em outro lugar, segundo a vontade do Santo Padre e Papa. Invoco sobre vocês a bênção divina. Partecipem fiéis nas provações e submissos na obediência. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

(Fora, gritos e ruídos)

Todos-- (Atônitos se olham)

Acat -- Reverendíssimo padre... não compreendo.

Prov -- Nós, os jesuítas, deixamos o Paraguai.

Barri -- Vão embora daqui ?

Prov -- Sim. Em nosso lugar ficarão os espanhóis .

Barri -- Os espanhóis vão mandar em nós ?

Acat -- Obedecer aos espanhóis? Aos traficantes de escravos, traficantes que roubam nossos filhos para a escravidão ? não... não!

Prov -- Vocês devem aceitar a cruz.

Acat -- Ficar olhando os espanhóis? levarem os nossos filhos, as nossas mulheres ? Jamais, padre.

Barri -- Nas mãos dos fazendeiros sem resistir? Perder nossas terras? Estas terras têm dono, padre !

Acat -- E nossas igrejas? E nossas aldeias ? E nosso gaúcho? Onde está Cristo agora e sua paz, se o senhor mesmo está ordenando nossa destruição?

Barr - Que Deus é esse que dá tudo e já quer tirar tudo? O Cristo dos espanhóis é que tira tudo. Vamos defender o Cristo que tudo nos dá.

Act - Guerra, padre. Vamos à guerra. Mil vezes morrer agora do que ver nossa terra em outras mãos.

Prov - (Baixa a cabeça aniquilado)

Oros - Padre, é o cristianismo que corre perigo aqui. O cristianismo é cento e cinquenta mil índios. Ordene a guerra.

Todos- (Em torno do Padre Provincial) Guerra. Ordene a guerra. Em nome de Deus...

Prov - (Afasta-os, violento) Em nome de Deus? Em nome de Deus? Quem mandou que se ajoelassem diante de mim? Não sou Rei nem ministro... sou um padre miserável... saiam daqui... Oros?

Oros - Senhor.

Prov - Onde estão os dois caciques pagãos que chegaram hoje pela manhã?

Oros - Na Casa de Retiros com os demais.

Prov - (Violento) Quero saber por que é que procuram a Cristo? Que é que nosso Cristo pode fazer agora... Vocês, caciques insensíveis, saiam daqui, fora... fora...

(Por instantes os dois fitam o padre e, de repente, retiram-se em atitude de revolta.)

Prov - (Aniquilado, segura-se à mesa) Oh! Meu Deus.

Oros - (Fitando atônito o padre, também faz menção de sair, em atitude de revolta. Quando está saindo...)

CENA XXII

(Provincial e Oros)

Prov - (Com voz muito áspera e violento) Oros?

Oros - (Para, mas quer seguir, indeciso)

Prov - Padre Oros de Mendonça?! Eu não o mandei sair. Tenho outras ordens para o senhor. Volta aqui.

Oros - (Parado) Não posso ouvir mais nada.

Prov - Apresente-se a Dom Miura. Comunique a ele o cumprimento de minhas ordens.

Oros - (Ainda de costas) Não posso, padre Provincial.

Prov - Comunique-lhe o cumprimento de minhas ordens!?!

Oros - O que o senhor manda é pecado. O voto de obediência não me

DIVISÃO DE CENSURA DE
M. ENS. PÚBLICAS / DPF
CPF N. 76.75

obriga quando um superior me leva ao pecado.

Prov - Eu ? Ao pecado?

Oros - Não é pecado mortal assassinar a própria família ? Não é pecado mortal matar cento e cinquenta mil índios ? É isto que o senhor manda com estas ordens absurdas. Por minha causa, este pecado não há de pesar sobre a consciência da Ordem. Eu não obedecerei a um assassino.

Prov - (Aturdido) Então... que pretende fazer ?

Oros - Vou colocar-me ao lado do povo indígena e combater até o fim.

Prov - Padre Oros, o senhor deixou de ser um jesuíta!

Oros - Talvez todos nós há muito tempo deixamos de ser jesuítas. Deus não olha para a sotaina. (Aos barros) Deus quer que o mundo se transforme. E nós jesuítas do Paraguai conseguimos transformá-lo.

Prov - Considere-se demitido da Ordem.

Oros - Quem deve ser demitido é o senhor porque é um desertor. Expulse-me da Ordem. Leve-me ao Tribunal da Inquisição. Arraste-me à fogueira! O senhor não conseguirá desfazer esta obra. (Mostra o mapa) E enquanto me sobrar forças para respirar, gritar, combater, vou estar ao lado dos pobres, dos fracos e daqueles que o senhor está traindo.

Prov - Considere-se preso. O senhor vai ser condenado pelo Direito espanhol. Já não posso fazer nada pelo senhor.

Oros - Pois que venham me prender na Casa de Retiros. Estarei junto ao meu povo e juntos morreremos se for preciso. Adeus. (Sai)

Prov - (Ainda quer falar... mas cai sobre a mesa desesperado, escondendo a cabeça entre as mãos. A luz se apaga)

CENA XXIII

(Esta cena é como a inicial, onde aparecem os dois caciques pagãos com o Provincial, em slides, na tela ao fundo. Fraca luz verde ilumina o padre prostrado, enquanto se escutam as vozes dele e dos caciques.)

Prov - Mandei chamá-los, caciques Cância e naguaçu. Vocês devem explicar-me por que desejam o batismo ? O que é que fez com que vocês abandonassem os pampas para virem procurar a Cristo ?

Când - Queremos converter-nos para este Deus.

Prov - Por que e que vocês vêm justamente para nós ? Por que não vão para o bispo de Buenos Aires ? Ele pode batizar-vos. Também o senhor bispo pode levar-vos a Cristo. Vão para o bispo.

Cand - O Cristo do senhor bispo não é o mesmo dos jesuítas.

Prov - Ah! O nosso Cristo não é o mesmo ? É o nosso Cristo que vai dar a sua tribo esta terra?

Cand - Sim, é este Cristo que queremos.

Prov - Este Cristo lhes dá tudo, não é ?

Cand - Ele nos dá de comer, roupas, protege dos escravizadores, ergue nossas casas, constrói armas para nós e nos torna fortes.

Prov - E quem o adora será recompensado assim?

Cand - Sim. Este é o Cristo dos jesuítas.

Prov - Este é o Cristo que nós lhe trouxemos... Oh! Vocês foram enganados por nós. O nosso Cristo não dá segurança. Não alimenta nem dá roupas. Ele próprio é pobre e nu... Voltam para vosso povo enquanto é tempo... Voltem...

(Fora o ruído de guerra cresce até o máximo. A tela se apaga. Escurece por momentos. Ao iluminar-se o palco...)

CENA XXIV

(Provincial e Dom Miura)

Prov - (Ainda só, corre para a janela apavorado) É a guerra!

Miur - (Entrando armado) Padre, o senhor nos traiu!

Prov - Não! Minha gente me obedece. Quem deu a ordem de atacar?

Miur - Sua gente é indisciplinada, Provincial.

Prov - O senhor prometeu esperar até a noite. Quem começou ?

Miur - O senhor já desgraçou seu povo resistindo no início.

Prov - Garanto a ordem no Colégio. Mande seus homens cessar fogo, Dom Miura.

Miur - É tarde. O padre Uros excita os índios à guerra. Não podíamos ficar parados.

Prov - Pedi que me desse tempo.

Miur - Já não era possível. Agora dê ordem a sua gente para entregar as armas se não quiser vê-los todos mortos.

Prov - Vou falar com os caciques. Interrompa a batalha.

Miur - Ninguém ousará tocar no senhor. Minha guarda cuidará dos nossos.

Prov - Vou até a Casa de Retiros... Que Deus me proteja. (Sai)

(Depois que sai, diminui a luz do palco e, por minutos ouve-se a guerra. Fode-se ver o relampear dos canhões. Gritos. Fogo. De repente tudo pára. O palco se ilumina. O Provincial entra num grito, ferido na garganta.)

Miur - (Que permanecera à mesa, com a cabeça escondida entre as mãos)
 Padre ?! O senhor está ferido ? Quem ousou atacá-lo ?

Prov - (Muito mal vai até o mapa) Isto... isto aqui me feriu... Minha própria obra... Meu Estado me mata... (Cai lev ndo junto o mapa)

Miur - (Atarefado em socorrer o padre)

CENA XXV

(Os mesmos, Oros, dois caciques amarrados, Cornelis)

Oros - (Entra esbaforido e cansado. Está sujo da guerra) Meu pai...
 Padre Provincial... Fomos nós... nossos índios...

Miur - Ajude-me... sentemos eles aí...
 (Sentam o padre na cadeira)

Oros - Padre... Senhor padre... Por Deus, queira absolver-me... Estou condenado à morte pela corte espanhola... Fui servo infiel... confesso a minha culpa...

Prov - (Voz fraca) Desobedeceu...levantou arma contra mim... cobriu de sangue e vergonha a Companhia de Jesus... O Provincial o condena...

Oros - Eu confesso a minha culpa... estou pedindo perdão, padre...

Prov - (Depois de pausa) Em nome de Deus... tenho que perdoar... arrependa-se que eu perdoe... Eu tenho que perdoar para que perdoem a mim... que fui um herege e... (Gritando) Eu não me arrependo!
 (Os presentes se assombraam)

Entregar-se à tirania? Nunca! Servir aos poderosos ? Nunca! Entregar o Estado Sagrado sem resistir ? Nunca... nunca... E eu tive que dar ordem contrária... (Ergue-se) Enquanto minha alma queria revolta e bradava guerra... minha voz era outra... "Eu sou o Provincial... eu ordeno que se entreguem... o Papa manda... Eu sou o Provincial..." E por fim, o demônio tomou conta de mim e amaldiçoou o meu Estado e... destruí tudo... (Pausa) Escutem... escutem... Encarnacion... Gandelária... San Tomé... São Miguel... escutem, padre Oros, padre Clarke... Eu sou um assassino!!!

Oros - (Quer ajudar) Padre!

Prov - (Cai na cadeira)

Miur - (Depois de indecisão) Padre Oros. O Tribunal já decidiu. Vamos.

Oros - Comandante... estou pronto... mas... (Mostra o padre Provincial)

Miur - Nada se pode fazer. (Aos caciques) Vocês também.

Prov - (Erguendo-se violento) Não! Assim não! pela última vez...
deixem-me ver pela última vez... (Dirige-se trôpego ao quadro
de São Francisco Xavier) Eu sabia... eu sabia... ele ficou...
Francisco ficou conosco... O coração em chamas... Ficou...
Ninguém consegue arrancá-lo daqui. Vejam... Vejam todos... Ele
caminha... caminha convertendo e batizando... vejam. (Grita)
Vejam padres do Paraguai, Paraná e Uruguai... isto é um exemplo.
Que fiz das minhas Missões... Vejam... ele caminha... Ele vai
ressuscitar... (Alucinado) Vai ressuscitar... Vamos... Vamos
ataquem... ataquem todos... ataquem... (Quer correr para fora.
Cai e morre)

Oros - (Quer ajudar) Oh! Deus...

Miur - (Querendo ser impiedoso) Vamos... Não podemos esperar mais.

(Estão saindo. A luz começa a morrer. Um faísco incide sobre
o Provincial morto até sumir-se por completo enquanto a música
toma conta de tudo.)

Fano sobre " O ESTADO SAGRADO".

Santo Ângelo, fevereiro de 1977.

LETRAS DAS MÚSICAS A SEREM CANTADAS NA PEÇA
"O ESTADO SAGRADO DAS MISSÕES"

SETE POVOS

SETE CANTOS

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
CTP N 7675

CANTO nº 1

TATTA DIOS

Yo quiero las cadenas de tu nombre
para volar tan libre quanto un hombre
Para volar tan libre quanto un hombre
yo quiero las cadenas de tu nombre

Yo quiero que me lumbre
la cumbre de tu cielo
yo que vivo dentre fieras y ouy fiera
necessito el infinito de tu amor

Yo quiero por intero
sentirme prisionero de tu fé
cautivo que delira bendiciones
y suspira en las prisiones de tu amor

Escucha, tatta Dios
yo por vos
muero en la lucha
y soy en la mañana
alma cristiana
que busca las veredas de tu amor

Yo quiero la verdad de tus caminos
aunque sean muchos los espinos
yo quiero y necessito el infinito
caudal de bendiciones de tu amor.

Retamozo e Chagas
(JeJ)

DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSAS PÚBLICAS - DPF
CTF Nº 16-75

CANTO nº 2

PROGRESSO E PAZ

Flocos brancos de algodão
fatinha branca do trigo
terra que faz paz e pão
chão de Tupã-bom amigo.
Mais do que searas e messes
do trigo, fumo, algodão
a paz de um anên nas preces
dos índios nas reduções.

Em cada olhar a confiança
e a fé no amor de Tupã
o amigo bom que não cansa
luz da infinita manhã.

Dos gentios, antes incréus
e agora irmãos em Jesus
sobem hosanas aos céus
e as almas espargem luz.
Há paz nas almas e na terra
também reflete essa paz
pela fartura que encerra
nas safras de ouro que faz

o milho, o trigo, os ervais
e as lavouras de algodão
e a terra aflorando mais
riquezas pra Redução.
O gado no pastoreio
e Deus em cada pastor
como se houvesse rodeio
para os mercados do amor.

Retamozo e Chagas
(JeJ)

CANTO nº 3

DECADENCIA E RUINAS

A pedra que cai do templo
não se transforma nem medra
desfaz à paz e no tempo
é pedra, somente pedra.
Eu que fui mais do que lar
escola, templo, oficina,
hoje-tapera a chorar
sou desespero de ruína

O templo erguido é semente
caindo nada mais é
do que pedra indiferente
simples matéria sem fé.

Meu povo se foi embora
lavoura o mato comeu;
a fé se esvaziou, agora.
decerto até Deus morreu.
Só o desespero não some,
tudo que é bom já sumiu
e chegam a raiva, a fome,
a morte, o luto e o frio.

O jesuíta foi embora
e com ele também foi
disciplina, tempo e hora,
lavoura, oficina e boi.
Deus também se foi daqui
talvez para não sofrer
a mágoa de um guarani
já sem mais nada em que crer.

CANTO nº 4

O INQUÉRITO

1a. P. - É verdade que os jesuitas
à Espanha são infiéis
e as suas obras malditas
as reduções, são quartéis ?

1a. R. - Não é verdade, não é...
Escravos é que eles são
de Deus, do Rei e da Fé,
do Reino e da Religião.

2a. P. - Das minas de ouro e de prata
os mapas onde é que estão ?
Os índios sob a chibata
esses locais nos dirão ?

2a. R. - Não há nem prata nem ouro,
nem minas, nem mapas há...
Gota de suor é o tesouro
que o índio sempre terá.

3a. P. - Onde se encontra a reserva
de lucros da Redução,
dos lucros da venda de erva,
do trigo, milho e algodão ?

3a. R. - As reservas, se as houvesse,
seiriam no coração,
e os lucros, prata da prece
e o ouro, a fé, a devoção.

4a. P. - A mão-de-obra gratuita
dos índios na escravidão
é que permite ao jesuíta
as armas e a munição ?

(cont.)

4a. R. - Não é verdade, não é...
Os índios apenas são
escravos da própria fé
que os amas pela oração.

5a. P. - Existe por que razões
progresso, fartura e paz
e aumenta nas reduções
tudo aquilo que se faz ?

5a. R. - É por que a Deus se oferece
tudo, tudo o que se faz,
a lida, o pranto e a prece,
e a vida, os cantos e a paz.

Retamozo e Chaggs

CANTO no 5

MALDICION

No quiero más saber de tus cadenas,
no quiero ni las apenas de tu amor,
el vuelo de los libres tu me quitas,
el pan que ya no quiero es el dolor.

Qué haré de mis sentidas oraciones
- un peón dentre los peones del dolor ?
qué haré sin el apoyo de los curas,
los dioses de mi dios puro amor ?
Qué haré desta mi fé que hoy es revuelta
y quema - llama suelta - hasta el dolor ?
Qué haré del corazón, hoy ya sin fuerza
de alar una oración dulce de amor ?

Retamozo e Chagas

CANTO nº 6

PRECE JESUITA

Por que meu Deus, explica-me, por que
devo deixar as Reduções agora ?
O índio é um ser humano que ama e crê...
é uma criança, é como a Luz da aurora...

Deixá-lo no abandono de si mesmo
é fazê-lo morrer ficando vivo,
condená-lo a viver morrendo a esmo,
libertá-lo e deixá-lo mais cativo.

Por que meu Deus, por que tu nos condena ?
Amém, Senhor, amém, que assim se faça,
aceitamos cumprir as nossas penas,
eles e nós, irmãos pela desgraça.

Tu sabes o que fazes, aceitamos.
a dolorosa cruz que tu nos dás ...
Mas sem o caule morrerão os ramos,
e sem a fé não haverá mais paz.

Retanozo e Chagas

CANTO no 7

QUANDO O JESUITA SUMIU ...

O jesuíta foi embora,
com eles se foi também
o altar onde Deus vive adora
e a doce paz de um amém.

Quando o jesuíta sumiu
sumiram-se os bons exemplos
e pedra por pedra ruiu
a pedra regular dos templos.

O jesuíta foi embora,
com ele também se foi
disciplina, tempo e hora
lavoura, oficina e boi.

Quando se foi o jesuíta
dentro dos índios caiu
a fé que era tao bonita
e os templos que construiu.

O jesuíta foi embora
e prata e ouro, sumiu
- prata de suor que evapora
- ouro da fé que fugiu.

Quando o jesuíta se foi
acabou-se o pastoreio,
alçou-se a vaca e o boi
e a fome parou rodeio.

O jesuíta foi embora
e quando foi ninguém viu,
a noite o orvalho chora
porque o jesuíta sumiu.

De dia o pranto das horas
sobre as taperas caiu
e agora até as pedras choram
por que o jesuíta sumiu.

Retamozo e Chagas